



## Dossiê II Congresso Internacional Psicanálise e Filosofia: Psicanálise e os Labirintos da Alma

### O inconsciente poético, início da psicanálise

## The Poietic Unconscious, the Beginning of Psychoanalysis

 Manuel Moreira da Silva

**Resumo:** Este trabalho consiste em uma introdução ao Inconsciente poético. Considerando as diversas manifestações do Inconsciente, o trabalho investiga as manifestações as mais originárias, em rigor, poéticas, criativas ou produtivas do Inconsciente mesmo. De início, o trabalho apresenta algumas interlocuções com autores como Lou-Andreas Salomé, Victor Tausk, Lionel Naccache e Michel Tournier entre outros. Ato contínuo, o trabalho discute alguns problemas relativos aos elementos constitutivos do processo de formação do Inconsciente poético em geral e seus mecanismos de funcionamento em especial. A guisa de conclusão, o trabalho considera o modo de ser de tais mecanismos, respectivamente, segundo a constatação de uma existência malograda ou conforme a afirmação de uma existência bem lograda.

**Palavras-chave:** inconsciente; Freud; inibição; sublimação; transcendência.

### **Abstract**

This paper consists of an introduction to the poietic Unconscious. Considering the various manifestations of the Unconscious, the paper investigates the most original, strictly speaking, poietic, creative or productive manifestations of the Unconscious itself. To begin, the paper presents some dialogues with authors such as Lou-Andreas Salomé, Victor Tausk, Lionel Naccache and Michel Tournier among others. Then, the paper discusses some problems related to the constitutive elements of the formation process of the poietic Unconscious in general and its functioning mechanisms in particular. By way of conclusion, the paper considers the mode of being of such mechanisms, respectively, according to the observation of a failed existence or according to the affirmation of a successful existence.

**Keywords:** unconscious; Freud; inhibition; sublimation; transcendence.

## 1. Considerações preliminares

Este trabalho se propõe a uma introdução ao Inconsciente poiético, aqui entendido como o *início* da psicanálise – a saber, a um tempo enquanto ponto de partida e, mais propriamente, enquanto princípio ou *arché*. Para além de uma nova entidade metafísica a congestionar o caótico trânsito do pensamento na época atual, o Inconsciente poiético consiste numa região – a mais arcaica – do novíssimo continente descoberto por Schelling e cartografado inicialmente por Freud. Assim, considerando as diversas manifestações do Inconsciente, reconhecidas enquanto tais, a partir do estabelecimento propriamente psicanalítico deste pelo fundador da psicanálise, o trabalho investiga as manifestações as mais originárias, em rigor, *poiéticas*, criativas ou produtivas do Inconsciente mesmo. Isso, porém, tendo em vista as exigências paradigmáticas do tempo presente – aqui assumidas e desenvolvidas nos limites estritos da clínica psicanalítica *hodierna* e dos desafios que a esta se impõem no concernente ao seu quadro referencial teórico e ao seu horizonte de sentido. Algo bastante distinto das exigências e dos desafios postos à psicanálise na época de Freud e mesmo na de Klein, Bion, Winnicott e Lacan entre outros.

Quem de algum modo e em algum momento tenha se aproximado da psicanálise, muito provavelmente já entrou em contato com expressões como “o sonho é a via régia para o Inconsciente” (Freud, 1900/2019) ou “as formações do Inconsciente” (Lacan, 1957-1958/1999). Tais expressões denotam um inconsciente produtivo ou criativo, em suma, um inconsciente dinâmico, que, conforme Freud (1915b/2010, p. 131), realiza uma parte essencial do trabalho psíquico e que nada tem de acabado ou rudimentar, limitando-se a um resíduo do desenvolvimento; mas ao contrário, um inconsciente cujo elemento mais perturbador, para o psicanalista, consiste no fato de não resultar pura e simplesmente do ato da repressão ou do recalque. É precisamente este Inconsciente criativo e produtivo, que não se restringe ao ato da repressão ou do recalque – em sua própria formação, nem em suas formações particulares –, que o presente trabalho visa delimitar, isso mediante o estabelecimento de seus traços mais gerais. Esse, o assim chamado Inconsciente poiético; o qual, anterior às formações patológicas do Inconsciente, constitui o princípio mesmo, o início ou a *arché*, de tudo o que é produtivo ou criativo no ser-aí humano.

De início, o trabalho passa em revista (II) as contribuições essenciais de Andreas-Salomé, Tausk, Gibello, Naccache e Tournier, entre outros. Ato contínuo, segundo o modelo freudiano do Inconsciente reprimido (Freud, 1915b/2010, pp. 126-129 e 138-139), o trabalho apresenta (III) a

noção de pulsão primária ou de ser e a de psiconeuroses antinarcísicas<sup>1</sup>, como formações psíquicas herdadas ou os mecanismos constituintes do Inconsciente poético que, por seu turno, fazem emergir o assim chamado Antinarciso<sup>2</sup>. Da mesma forma, visando uma caracterização adequada do Antinarciso, o trabalho discute (IV) em que medida tais mecanismos se deixam verificar como inibição, sublimação e transcendência. A guisa de conclusão, o trabalho considera (V) o modo de ser de tais mecanismos, segundo a constatação de uma existência malograda ou a afirmação de uma existência bem lograda.

## 2. Primeiras aproximações ao Inconsciente poético

Trata-se de delimitar a instância, o sistema e o conceito correspondente ao que aqui se designa Inconsciente poético, de modo a introduzi-los na clínica e na teoria psicanalítica em geral e, mais especificamente, na psicanálise da neurodivergência em especial. Essa parte da psicanálise voltada ao tratamento de sujeitos *neurodivergentes* ou *neuroatípicos*, cujo funcionamento psíquico – já a partir de seu sistema nervoso e, portanto, de sua plasticidade neural e neuronal – diverge fundamentalmente daqueles considerados *neurotípicos* ou, em rigor, *neuroconvergentes*. Neste sentido, a partir da experiência clínica psicanalítica, o trabalho identifica, delimita e explicita o processo psíquico inconsciente ora denominado poético – isto é, criativo e produtivo –, assim como o modo pelo qual este processo se organiza em uma instância ou em um sistema que funciona de

---

<sup>1</sup> De um lado, o conceito de psiconeuroses antinarcísicas é aqui forjado a partir do modelo das psiconeuroses de transferência, às quais denominamos psiconeuroses edípicas, e das psiconeuroses narcísicas tematizadas por Freud no escrito *O Inconsciente*, de 1915. De outro, tal conceito retoma e desenvolve as noções propostas por Dabrowski (1972) de psiconeuroses de “alto nível” de funcionamento, a saber, as de angústia, as depressivas ou psicastênicas, as obsessivas e as histéricas ou infantis que, como tais, estão presentes nos sujeitos neurodivergentes em geral e nos sujeitos de Altas Habilidade/Superdotação (AH/SD) em especial; caso em que se distinguem daquelas de “baixo nível” de funcionamento ou, na perspectiva freudiana, as psiconeuroses de transferência e as atuais. Assim, por psiconeuroses antinarcísicas este trabalho entende aquelas que Dabrowski descreveu e que se mostram no âmbito de uma série de condições clínicas presentes nos sujeitos neurodivergentes em geral e de AH/SD, autistas, desatentos e hiperativos em especial; os quais, por sua vez, nos limites da clínica psicanalítica desenvolvida pelo autor deste trabalho, foram primeiramente designados mediante o conceito de Antinarciso. Enfim, dentre tais psiconeuroses podem se destacar a depressão ou a melancolia existencial, ou ainda de alto funcionamento, assim como fobias, obsessões e ansiedades que se fundam igualmente em uma angústia existencial ou de alto funcionamento. O que resulta em perfeccionismo, rigidez cognitiva, mania de perseguição, sentimento de desamparo e de inferioridade, associados com um apagamento de si mesmo, dependência emocional, hiperempatia e uma assincronia importante entre o desenvolvimento cognitivo e o emocional entre outros. Condições clínicas que muitas vezes são mal diagnosticadas e, assim, confundidas com as psiconeuroses edípicas ou com as narcísicas, aqui ampliadas de modo a abranger a psicose, a perversão e os transtornos borderline e narcisista.

<sup>2</sup> Trata-se aqui do Antinarciso (grafado sem hífen) tal como concebido em Da Silva (2022, 2023 e 2024), a um tempo, como uma entidade e um fenômeno estritamente clínicos. Neste sentido, ainda que possa haver traços comuns quanto às suas origens, o Antinarciso aqui em questão difere de modo assaz radical daquele grafado com hífen – Anti-Narciso – e tematizado por Viveiros de Castro, em *Metafísicas Canibais*, a partir de *O Anti-Édipo* de Deleuze e Guattari. À diferença desse registro, o que o presente trabalho leva a termo remete-se às contribuições de autores como Tournier (1967 e 1977; 2011), Hadot (1976) e Blanchot (1980/2006).

maneira distinta dos inconscientes reprimido ou recalçado e amencial ou encravado, mas, em certa medida, correlacionado a eles nos limites do aparelho psíquico de cada ser-aí humano em sua singularidade. O trabalho pressupõe conhecidas essas formações do Inconsciente, das quais falará apenas de modo circunstancial e na medida em que seu conhecimento se mostrar imprescindível para o andamento das questões e dos problemas teóricos e clínicos que então emergirem. Enfim, é importante frisar, trata-se de uma introdução ao Inconsciente poético; logo, de uma abordagem inicial deste, por isso limitada aos seus traços mais gerais e fundamentais.

Apesar de Freud mesmo haver aberto a possibilidade de uma determinação do Inconsciente poético, não foi ele quem forneceu as primeiras contribuições sobre essa questão, mas Andreas-Salomé e Tausk; sobretudo Tausk, cujo trabalho “Da gênese do ‘aparelho de influenciar’ no curso da esquizofrenia” (1919/1990), direta ou indiretamente, termina por influenciar autores tão diversos como Bion e Deleuze-Guattari entre outros. Tanto Andreas-Salomé quanto Tausk falam de um narcisismo em sentido criativo ou inato, no qual, nas palavras de Andreas-Salomé (1912-1913/2001, p. 81), “o inconsciente se dá tão somente em bloco, como ‘originário’, não como uma simples base, mas como aquilo em que tudo permanece compreendido”. Concepção que, de certo modo, reaparece em 1946, em um trabalho à primeira vista avesso à psicanálise, a saber, o artigo de Michel Tournier sobre *O impersonalismo*; o qual, de maneira análoga à de Andreas-Salomé, tematiza um Inconsciente irreduzível ao Consciente e ao Pré-consciente, de modo que o Inconsciente e o incognoscível são identificados entre si primeiramente e, logo depois o “ser inconsciente” é identificado ao ser mesmo. Essa noção de inconsciente retoma o cerne da psicanálise porquanto identifica inconsciente e ser, caso em que se funda na dimensão prática propriamente dita, portanto, igualmente criativa e produtiva, algo que Tournier mostra cena a cena em sua obra.

Assumir, porém, uma concepção do Inconsciente como irreduzível ao Consciente e ao Pré-consciente – ou, o que aqui se mostra o mesmo: a homologia do Inconsciente e do incognoscível ou de Inconsciente e ser – implica partir de dois fatos fundamentais da psicanálise. A saber: (1) como bem mostrou Binswanger (1957/1970, p. 245), a partir de Freud (1916a/2014, pp. 79-89), que “o Inconsciente como tal jamais pode ser ‘conhecido por uma experiência direta’”, sendo portanto incognoscível diretamente, isto é, como um objeto da consciência ou como um fenômeno percebido por esta; (2) que, desse modo, o Inconsciente como tal só pode ser conhecido indiretamente, por meio de uma experiência indireta – realizada sobre as aspirações ou as tendências *supostas* pelo sujeito em questão –, na qual, segundo Freud (1916a/2014, p. 89), “os fenômenos percebidos devem ficar em segundo plano perante tendências apenas supostas”. Em outras palavras, o Inconsciente só pode ser

percebido mediante seus efeitos ou como o ser mesmo do sujeito que se pergunta pelo sentido de seu ser, vale dizer, pelo sentido de seu sintoma; donde a mudança de uma perspectiva meramente sintomática ou fenomênica para uma perspectiva, a um tempo, estrutural e hermenêutica ou fenomenológica na investigação do adoecimento e dos processos psíquicos inconscientes ligados a tal adoecimento. O que – embora nos limites das investigações e da clínica de Freud, se restrinja ao Inconsciente reprimido – já a partir de 1915 foi explicitamente ampliado mediante o reconhecimento, por parte do próprio Freud (1915b/2010, p. 100 e 138), daquilo que só em 1923 ele designaria Inconsciente não-reprimido (Freud, 1923/2011, pp. 21-22), do qual o Inconsciente poético se impõe como o mais recente de seus desenvolvimentos. Conforme Freud (1915b/2010, p. 100), “tudo que é reprimido tem de permanecer inconsciente, mas [...] o reprimido não cobre tudo o que é inconsciente”; isso permitiu a enumeração de algumas formas do Inconsciente não-reprimido, respectivamente por Green, Dejours e Laplanche, que designaram com nomes diferentes – os inconscientes cindido, amencial e encravado – o que parece ser uma e mesma coisa. Tratando de fenômenos bastante próximos daqueles manifestos ao nível do Inconsciente poético, Lionel Naccache desenvolve a concepção de um inconsciente cognitivo, cuja interpelação é preciso igualmente considerar.

Embora não seja um conceito psicanalítico em sua origem e sim oriundo das neurociências, o Inconsciente cognitivo, tal como proposto por Naccache (2006), parece aproximar-se daquele que Freud (1923/2011, p. 22) designou como *inconsciente do Eu* – esse que “não é latente no sentido do Pré-consciente” e não se torna consciente quando ativado. Isso na medida em que Naccache (2006, pp. 17ss) descreve dois tipos de casos em que o Inconsciente cognitivo emerge: em um dos quais (Naccache, 2006, p. 19) ocorre a chamada “visão cega” ou *blindsight*, que consiste numa dissociação entre a performance cognitiva e a experiência consciente daquilo que aparece em uma das regiões do campo visual dos pacientes nessa condição; no outro tipo (Naccache, 2006, pp. 23-24) ocorre a perda específica da capacidade de identificar o rosto dos entes familiares. Trata-se, neste caso, da *prosopagnosia* ou da *cegueira facial*, isto é, a perda da faculdade da visão consciente de todo o campo visual da face, enquanto na “visão cega” se trata de um escotoma; em ambos os casos, porém, os pacientes permanecem com as suas funções cognitivas intactas, por exemplo, na “visão cega”, a capacidade de identificar o lugar preciso de onde provém o estímulo visual e, na cegueira facial, a capacidade de reconhecer vários outros indicadores da presença desses entes familiares. Trata-se, em suma, na visão cega, da ausência da experiência consciente da informação – isto é, do ponto luminoso que brilha na região cega do campo visual – que guia o comportamento do paciente, servindo de fonte para a sua performance cognitiva; o que, para Naccache (2006, p. 17), constitui a prova da existência

de processos cognitivos inconscientes que cumprem a função de fundações sobre as quais repousa o edifício da vida mental inconsciente. O interessante, tanto nos pacientes com cegueira facial quanto nos com visão cega, são os padrões de reconhecimento emocional inconsciente de imagens de indivíduos familiares ou de pessoas desconhecidas em contraste com a incapacidade do reconhecimento consciente dessas mesmas imagens ou dos indivíduos – familiares ou não – que elas representam. O problema aqui, de um lado, é o modo como Naccache apresenta o chamado Inconsciente cognitivo, isto é, de modo apenas descritivo; o que limita sua proposta ao nível do Pré-consciente, quando, se tal inconsciente é capaz de “veicular conteúdos emocionais” (Naccache, 2006, p. 25), não há como não o considerar dinâmico. De outro lado, o fato de Naccache limitar-se a uma investigação teórica no campo da neurociência e, portanto, não colocar o Inconsciente cognitivo por ele proposto à prova no âmbito da clínica psicanalítica.

A despeito das analogias e oposições nas quais Naccache se refugia para distinguir o inconsciente por ele proposto em relação àquele de Freud, ao que parece, o mecanismo do Inconsciente cognitivo segue o mesmo padrão do freudiano. Os exemplos aduzidos por Naccache (2006, pp. 22-25), ainda que não produzidos por ele próprio e ainda que não oriundos da clínica psicanalítica propriamente dita, nos permitem aproximar e, talvez, até mesmo identificar o mecanismo do reconhecimento ou antes a ativação de experiências emocionais inconscientes em contraste com a permanência do não reconhecimento consciente das figuras fonte de tais experiências com o mecanismo, por exemplo, dos atos falhos (Freud, 1916a/2014, pp. 86-87) e mesmo com o do reprimido (Freud, 1915b/2010, pp. 118-126). Isso em abstraindo o Inconsciente do Eu, que Freud tão só vislumbrara, mas não investigara, assim como do fato de que os tipos clínicos apresentados por Naccache constituem danos permanentes nos pacientes por eles então acometidos; o que reforça ainda mais a hipótese aqui aventada, sobretudo se associada ao chamado Inconsciente amencial ou encravado proposto respectivamente por Dejours (2003/2019) e Laplanche (2003/2018). Uma outra aproximação possível é a dos mecanismos da “visão cega” e da cegueira facial com a “cegueira temporal”, que afeta os sujeitos desatentos e hiperativos, mas também, em certo sentido, conforme observações clínicas, autistas e sujeitos de Altas Habilidades/Superdotação (doravante AH/SD).

A chamada cegueira temporal, termo cunhado por Russel A. Barkley em 2022, consiste, conforme o próprio Barkley (2022/2024, pp. 102-103), em “um déficit de longo alcance na habilidade humana de antecipar o futuro e organizar ações e mantê-las voltadas para esse futuro”. Trata-se de uma condição de natureza neurodesenvolvimental fundada na inibição do comportamento (Barkley, 1997) e referida ao funcionamento executivo e à autorregulação, caso em que: *em um primeiro plano,*

o funcionamento executivo se constitui a partir de pulsões e instintos neurológica e geneticamente mediados; mediação que, *em um segundo plano*, associada a processos de aprendizagem e simbolização, cria um conjunto aberto de redes neurais e neuronais que torna possível tal funcionamento; o qual, *em um terceiro momento*, emerge com a maturação a um só tempo neurológica, pulsional e emocional; com o que, enfim, *em um quarto momento*, nos proporciona a autorregulação, sobretudo a emocional. Esse é, a nosso ver, o elemento que nos permite a identificação entre o mecanismo da cegueira temporal – a inibição do comportamento – e os respectivos mecanismos da visão cega e da cegueira facial descritas por Naccache (2006, pp. 22-25), os quais, por sua vez, nos parecem muito próximos dos mecanismos do ato falho – ou dos lapsos verbais nas formas dos lapsos da escrita, da leitura, da audição e da memória – descritos e unificados por Freud (1916a/2014, pp. 79-89) no quarto capítulo de suas *Conferências Introdutórias à Psicanálise*. Importante observar aqui que, em sua discussão dos atos falhos, Freud (1916a/2014, p. 86) reconhece o lugar da fisiologia (aqui do sistema nervoso, hoje a neurofisiologia), quer dizer, de tomar os atos falhos “como atos puramente fisiológicos, no sentido pré-analítico da formulação”, mantendo-se firme na assunção da interpretação de tais atos; o que implica, para Freud (1916a/2014, p. 86), “a hipótese de que é possível ao falante manifestar intenções que ele próprio desconhece, mas que posso depreender de indícios”. Essa hipótese permanece válida e, embora apenas indireta ou subrepticamente assumida por Naccache, fundamenta o próprio Inconsciente cognitivo proposto por este; caso em que, tal como para Freud, é aqui assumida como fundamento dos processos psíquicos inconscientes que se constituem como elementos de formação do Inconsciente poético. Caso em que, do ponto de vista deste, as noções de visão cega, cegueira facial e cegueira temporal se mostram reconduzíveis a um fenômeno clínico ainda mais básico, nas palavras de Bernard Gibello (1976), a desarmonia cognitiva – também chamada discronia cognitiva ou disgnosia temporal. Em suma, a “anomalia da sincronização do desenvolvimento cognitivo” (Gibello, 2013, p. 253), hoje designada simplesmente como “assincronia do desenvolvimento”.

Disso se depreende que a cegueira temporal consiste numa certa configuração da assincronia do desenvolvimento presente em sujeitos neurodivergentes, em especial em sujeitos desatentos, hiperativos e autistas. Definida em 1994 por Jean Charles Terrassier (1994/2003, p. 13) como “síndrome da dissincronia”, em rigor, do “desenvolvimento heterogêneo de crianças superdotadas intelectualmente ou precoces”, a assincronia em questão fora definida, ainda antes de Terrassier, por René Zazzo nos anos de 1960, e Gibello nos anos de 1970, respectivamente como: (1) a heterocronia pela qual o “débil comparado com a criança normal se desenvolve a velocidades diferentes segundo

os diferentes setores do desenvolvimento psicobiológico” (Zazzo, 1960 *apud* Terrassier, 1994/2003, p. 13); (2) a discronia, “uma classe de disgnosia concernente ao tempo” (Gibello, 1976, p. 445 e Terrassier, 1994/2003, p. 13). Caso em que, segundo Terrassier (1994/2003, p. 13), “no plano clínico, as crianças assíncronas se mostram instáveis, impulsivas, desorganizadas no tempo e, em consequência, inadaptadas escolarmente”; isso implica que, na “síndrome da dissincronia”, seu aspecto psíquico, a *dissincronia interna*, se sobreponha ao aspecto externo, a chamada dissincronia social (Terrassier, 1994/2003, p. 13). Importante observar aqui (1) a significação do termo “disgnosia” e sua referência ao tempo, casos em que a disgnosia se apresenta como uma perturbação da função cognoscitiva ou como uma dificuldade para interpretar corretamente coisas e fatos, sendo a classe introduzida por Gibello (1976) a referência dessa dificuldade e daquela perturbação em relação ao tempo, com o primeiro aspecto implicando para nós uma confrontação com a tese do Inconsciente cognitivo de Naccache e o segundo com a da cegueira temporal de Barkley. Caso em que, ao invés de um inconsciente cognitivo ou do Eu, seria mais adequado assumir a hipótese de um inconsciente poético, do Si mesmo ou ainda do Isso; quando, igualmente, se impõe confrontar-se com a tese de Solms (2013/2018, pp. 290ss) de uma “consciência do Isso”<sup>3</sup>. O que permite retornar à homologia do Inconsciente e do incognoscível, assim como à homologia do Inconsciente e do ser aludidas por Tournier em 1946 e, então, avançar na questão da elucidação preliminar do que aqui se designa Inconsciente poético.

Michel Tournier apresenta traços importantes do que hoje se denominam AH/SD e se designou a si mesmo um antinarciso (Tournier, 1967/2014, p. 82 e 2011, p. 17), sendo também um dos primeiros a falar em pulsão primária (Tournier, 1977, p. 27). Esses, mais precisamente, os temas e problemas que este trabalho investiga enquanto elementos constituintes do Inconsciente poético, caso em que o próprio Tournier se torna objeto de uma investigação clínica – desenvolvida em outro trabalho, ainda inédito –, essencial para a identificação, delimitação e explicitação do referido Inconsciente. Antes, porém, fazem-se necessárias algumas palavras sobre a formação do Inconsciente poético ela mesma.

---

<sup>3</sup> À diferença de Naccache, Solms se propõe a uma interpretação psicanalítica da neurociência e, com isso, a uma refundação da psicanálise a partir das contribuições recíprocas da psicanálise e da neurociência assim interpretada. Tal refundação, entretanto, parece inverter o ponto de vista de Naccache e, de certo modo, o do próprio Freud – no caso de uma aproximação entre o Inconsciente cognitivo e o Inconsciente do Eu mostrar-se correta. Essa questão, porém, devido ao escopo do presente trabalho, não será abordada aqui.



### 3. Sobre a formação do Inconsciente poético

Tal como aqui desenvolvido, o Inconsciente poético reivindica para si – a título de fundamento – alguns traços primordiais já presentes em Freud, de modo mais preciso, no artigo sobre *O Inconsciente*, de 1915. Logo no início da sexta seção desse texto, Freud (1915b/2010, p. 131) reconhece o equívoco de pensar “que o Inconsciente permanece em repouso enquanto o trabalho psíquico é realizado pelo Pré-consciente, que o Inconsciente é algo acabado, um órgão rudimentar, um resíduo do desenvolvimento”. Ainda no mesmo parágrafo, em complemento a esta assertiva, Freud também afirma o quão equivocada seria “supor que a comunicação entre os dois sistemas [Inconsciente e Pré-consciente] se restringe ao ato da repressão, em que o Pré-consciente lança ao abismo do Inconsciente tudo o que lhe parece perturbador” (Freud, 1915b/2010, p. 131). Isso implica reconhecer que (1) o Inconsciente é “algo vivo e capaz de desenvolvimento” (Freud, 1915b/2010, p. 131), logo dinâmico e não meramente estático, mas também, e por isso mesmo, como constatado na introdução e demonstrado na sétima seção do referido artigo, que (2) “o reprimido não cobre tudo que é inconsciente. O inconsciente tem o âmbito maior; o reprimido é uma parte do inconsciente” (Freud, 1915b/2010, p. 100). Disso resulta que, enquanto “algo vivo e capaz de desenvolvimento” (Freud, 1915b/2010, p. 131), (3) o Inconsciente é primordialmente criativo e produtivo, logo *poiético* e, assim, em sua origem, não-reprimido ou não-recalcado.

O Inconsciente poético refere-se, pois, em primeiríssimo lugar, à *poíesis*, que, na célebre sentença de Diotima, em *O Banquete* de Platão (2002), “é algo de múltiplo; pois toda causa de qualquer coisa passar do não-ser ao ser é *poíesis*, de modo que as pro-duções de todas as artes são *poíesis*, e todos os seus pro-dutores são ‘poietas’”<sup>4</sup>. Algo corroborado por Heidegger (1954/2002, p. 16) na medida em que ele assim traduz a segunda parte da mesma sentença, sua segunda oração: “todo deixar-viger o que passa e procede do não vigente para a vigência é *poíesis*, é pro-dução”. Caso em que, como bem observou Aristóteles, a *poíesis* refere-se mais precisamente à natureza humana, ou pelo menos à natureza do conhecimento humano, impondo-se como um dos modos essenciais deste, o conhecimento poético, ao lado do teórico e do prático. Disso se depreende que, em sua origem, a *poíesis* se constitui como um impulso, logo uma pulsão do ser-aí humano que, como *pulsão de ser* ou de realização, não se realiza meramente em um objeto (como nas pulsões sexuais ou na pulsão de vida) ou em um não-objeto (como nas pulsões de autoconservação ou do eu e na pulsão de

<sup>4</sup> Tradução de J. Cavalcante de Souza, ligeiramente modificada. No original: “οἷσθ’ ὅτι ποιήσεις ἐστὶ τι πολὺ· ἢ γὰρ τοὶ ἐκ τοῦ μὴ ὄντος εἰς τὸ ὄν ἰόντι ὄτρωδὺν αἰτία πᾶσά ἐστι ποιήσεις, ὥστε καὶ αἱ ὑπὸ πάσαις ταῖς τέχναις ἐργασίαι ποιήσεις εἰσὶ καὶ οἱ τούτων δημιουργοὶ πάντες ποιηταί.” (versão Steadman).

morte)<sup>5</sup>, mas, enquanto *pulsão primária*, só se realiza na produção ou na criação e como a produção e a criação de si do próprio Si mesmo. Esse, não obstante, embora resultante da pulsão de ser, jamais satisfaz ao sujeito que nela busca ser ou se reconhecer, a saber, o Antinarciso; porque dela separado ou cindido em sua origem, este sujeito se apresenta como o In-significante para si mesmo (Da Silva, 2022, 2023 e 2024) de modo que a referida pulsão se mostra assim como a pulsão da existência sem ser. Em vista disso, embora o teórico e o prático – enquanto atividades conscientes – sempre estejam em jogo na produção ou na criação, estas, mesmo enquanto conscientes, não se efetivam senão mediante a imaginação, o afeto e a emoção, logo, no âmbito de um processo inconsciente. Outrossim, embora ontologicamente anterior aos inconscientes recalcado e amencial – identificado ao encravado (Laplanche, 2003/2018) e ao cindido (Green, 1986/1990 e Zukerfeld e Zukerfeld, 2005/2016) –, portanto aos inconscientes da representação (ou da significação) e do agir, o Inconsciente poético só se mostra posterior, como o Inconsciente do fazer, do criar ou do produzir, em suma, do *presentar*<sup>6</sup> anterior ao representar ou ao significar e ao agir. Estes se forjam como estruturas sobrepostas ao fazer, ao criar, ao produzir ou ao apresentar e como envoltórios destes porquanto, para se fazer, criar ou produzir – aqui especificamente a Si mesmo –, o sujeito é necessariamente expelido ou separado de seu Si, então projetado em outrem, em suma, do que ele era em sua origem. Desse modo, cabe perguntar: em que medida emerge e com que função se forja algo como o Inconsciente poético; quais os seus mecanismos e como estes podem ser trabalhados na clínica psicanalítica?

Para responder a essa questão torna-se necessário reconsiderar as dificuldades no tratamento de neuróticos reconhecidas por Freud (1914/2010), em especial o caso Lady Macbeth (Freud, 1916b/2010), ou, ainda, os casos diagnosticados de modo equívoco ou insuficiente como, por exemplo, os do jovem da fobia de meia – caso de Tausk, retratado por Freud, Bion e Holzhey-Kunz – e do homem dos miolos frescos, respectivamente de Mellita Schimideberg e de Ernst Kris, retratado

<sup>5</sup> Infelizmente, nos limites do presente trabalho, não é possível desenvolver as questões implicadas nesse passo. Veja-se, no entanto, a modo de aproximação, as teses de Ernst Simmel (1944/2021) em torno da autoconservação e da pulsão de morte.

<sup>6</sup> O termo *presentar*, aqui, refere-se ao ato daquilo que Freud (1915a/2010) designou *Vorstellungsrepräsentanz*, literalmente *representante da representação*, o mais obscuro e o mais importante conceito psicanalítico desde *As pulsões e seus destinos*. Obscuro porque, de fato, a *representação* não é um conceito e se esquia de toda tentativa em apreendê-la desse modo, por exemplo, nas mais diversas traduções do termo alemão, a saber: Representante-representativo, representante-representação, representante ideal, significante etc., todas fazendo com que o elemento pulsional se circunscreva ao formal, abstrato ou meramente categorial da representação intelectual. Como *representação*, ao contrário, a *Vorstellungsrepräsentanz* se mostra pura e simplesmente como o que ela é, e ela é o *representante da representação* simplesmente porque não há, ao nível das pulsões, representação alguma, mas pura e simplesmente *representação* – ou apresentação da pulsão ela mesma, que, como tal, nesse ato mesmo de se apresentar, já se esvai, ficando tão somente sua marca na memória ou a sua imagem fixada na memória, a qual, por falta de outro termo, Freud também designará *representação* ou *Vorstellung*, ou ainda, apenas *representante (repräsentanz)*. Para uma discussão mais aprofundada sobre este tópico, veja-se (Ricoeur, 1965, pp. 140ss).

por Lacan em vários de seus escritos e seminários com ênfase no problema do *Acting out*. Casos cuja demanda distingue-se daquelas do conflito edípico e das problemáticas narcisistas e, por isso, só podem ser mais adequadamente trabalhadas no âmbito do assim chamado Inconsciente poético, em rigor, na medida em que este, porquanto se forja no âmbito da pulsão primária ou da existência sem ser, se mostra como uma instância constitutiva da psicanálise da neurodivergência em especial. Isso implica distinguir, de um lado, os casos ora aludidos em relação àqueles de neuróticos, referentes às psiconeuroses de transferência, e, de outro, dos casos nos quais estão em jogo psiconeuroses narcísicas – como a depressão e a esquizofrenia entre outros –, quando se pode, enfim, referir-se a uma nova classe de psiconeuroses, a saber: as psiconeuroses antinarcísicas. Essas – à diferença das psiconeuroses de transferência, que se referem ao passado, e à diferença das psiconeuroses narcísicas, referidas ao futuro – referem-se, por sua vez, única e exclusivamente ao presente.

Em consequência, tal como o Inconsciente recalçado ou reprimido se forja a partir das psiconeuroses edípicas – ou de transferência – e o Inconsciente amencial, encravado ou cindido se forja mediante as psiconeuroses narcísicas, o Inconsciente poético se forja a partir das psiconeuroses antinarcísicas. Essas psiconeuroses cujo mecanismo pode ser descrito como uma *disgnosia temporal*, isto é, uma dissociação da função cognoscitiva referente ao tempo vivido, ou como duração, sua percepção e sua concepção no âmbito da vida cotidiana – portanto do Si mesmo –, em especial no concernente ao planejamento, à execução e à interpretação correta de coisas, acontecimentos e fatos. Uma disfunção que incide tanto no conhecimento teórico quanto no conhecimento prático, mas que não encontra fundamento consistente nem no primeiro, nem no segundo justamente porque é anterior a ambos e, por isso, contemporânea da formação do próprio tempo enquanto aquilo que Kant (KrV B, 47-50) designou como “uma forma pura da intuição sensível”, por conseguinte, como uma intuição interna *a priori* e, assim, “a forma do sentido interno, isto é, da intuição de nós mesmos e do nosso estado interior”, quando, enfim, “determina a relação das representações no nosso estado interno”. Uma disgnosia temporal consiste pois numa fratura do próprio tempo enquanto forma “da intuição de nós mesmos e do nosso estado interior”, em consequência, numa fratura do nosso Si mesmo e dos modos como este se põe a si mesmo; logo, da identidade pessoal ou íntima de cada sujeito consigo mesmo. Aqui, para além de Kant, não meramente como uma sucessão de tempos um depois do outro, mas antes como uma duração contínua de si mesmo – esse o tempo como conteúdo vivido, no qual a vivência fundante é a dos afetos e das emoções.

Embora Kant tenha apreendido adequadamente o tempo como forma “da intuição de nós mesmos e do nosso estado interior”, ao deixar de lado o tempo como conteúdo daquela forma, isto é,

como duração (essa a crítica que Bergson lhe dirigira), o filósofo de Königsberg apreendeu apenas o estado de disgnosia temporal. Caso em que (1) ou o sujeito renuncia a todos os seus afetos e a todas as suas emoções e se limita à forma da intuição de si mesmo, sem jamais chegar ao próprio Si mesmo que ele é; (2) ou renuncia às representações que lhe permitem um acesso à realidade objetiva ou empírica, portanto a certa relação com os outros, mantendo-se permanentemente em conflitos com estes ou isolado deles; (3) ou, ainda, mesmo sem renunciar à forma ou ao conteúdo da intuição de si mesmo, permanece numa existência sem tempo, portanto sem ser, numa existência assíncrona, instável, impulsiva, desorganizada ou inadaptada temporalmente. Uma quarta alternativa se mostra aos sujeitos que acorrem à clínica psicanalítica da neurodivergência, quando se abre a eles a oportunidade de desconstruir os envoltórios de suas respectivas fraturas da identidade e, assim, reconstruí-la segundo novas formas de integração e hierarquias de valores e objetivos.

A fratura da identidade não é senão a fratura do Si mesmo, a fratura originária e, portanto, a fratura da pulsão de ser e do sujeito desta pulsão; caso em que este se mostra como o In-significante para si mesmo e aquela como a pulsão da existência sem ser (Da Silva, 2022, 2023 e 2024). De um lado, como disgnosia temporal, a referida fratura consiste na cisão do elemento intelectual e do elemento emocional do Si mesmo; de outro, como consequência desta, sobrevêm as disgnosias espacial, somática, tátil, auditiva e visual. Estas referem-se à localização do Si mesmo no espaço e às suas percepções de si mesmo, de texturas, tamanhos, ruídos e sons não verbais, assim como de objetos e suas formas. Em decorrência da disgnosia temporal, tais formas se mostram como desarmonias cognitivas e como disfunções executivas que impactam o processo de autorregulação do sujeito nas áreas intelectual, emocional, imaginativa, sensorial e psicomotora – caso em que, devido às respectivas dissincronias, tais áreas se mostram sobre-excitadas e são assim reconhecidas como áreas de sobre-excitabilidade<sup>7</sup> nos sujeitos neurodivergentes. Neste caso, uma desintegração massiva pode apoderar-se do sujeito, que, de forma abrupta ou gradativa, passa a desenvolver diferentes psiconeuroses relacionadas à sua percepção de si mesmo e aos seus modos e níveis de realização no mundo. Dentre os sintomas dessas psiconeuroses estão o perfeccionismo, a hiperempatia, um senso de justiça exacerbado (aqui identificado à rigidez cognitiva – no plano ético-político), mas também cobrança excessiva de si mesmo e não reconhecimento de si em suas produções, o que resulta em um

---

<sup>7</sup> Para uma discussão mais aprofundada desse conceito, veja-se Dabrowski (1964/2016, p. 76). Confronte-se isso com a tese de Freud (1933/2010, p. 218) segundo a qual “a relação com o tempo [...] é proporcionada ao Eu pelo sistema perceptivo”, cujo modo de operar dá origem à ideia de tempo, e à tese de Dejours (2003/2019, p. 94ss) em torno da “zona de sensibilidade do Inconsciente”, entendida como uma “zona de fragilidade fundamental [...] em qualquer sujeito em estado de equilíbrio”, e a recusa de percepção. Essa confrontação, porém, não será tematizada neste trabalho, permanecendo aberta para ser levada a termo em um trabalho posterior.

sentimento de impostura, de trapaça etc. As psiconeuroses assim manifestas são antinarcísicas porque, em todas elas, embora deseje ser reconhecido e reconheça o outro como critério de sua própria existência (*sistere ex*), quando atinge o reconhecimento desejado, o sujeito – aqui o Antinarciso, ao contrário de Narciso –, foge do espelho de si e neste não se reconhece como tal, preferindo, pois, o ostracismo à ribalta. Um exemplo disso pode ser descrito no âmbito do funcionamento da depressão, mais precisamente da melancolia, apresentada por Freud como uma psiconeurose narcísica, mas que hoje deixa emergir algo que dela se distingue e que se poderia denominar depressão ou melancolia existencial e, nesse caso, como uma psiconeurose antinarcísica ou um sintoma desta. É possível descrever essa distinção conforme segue.

Desde o fim da modernidade, que se torna perceptível a partir do segundo quarto do século XX, uma profunda melancolia se apodera de cada personagem que – como sujeito – nessa época toma parte, ou seja, cujo destino é, desde então, *ter que ser* (Heidegger, 1927/2012, p. 42 e 139). Tal melancolia deixou de ser a mera identificação com o objeto exterior irremediavelmente perdido, tão belamente descrita por Freud e Melanie Klein, e se tornou o sentimento da perda de si do próprio Si mesmo. Logo, essa melancolia não mais resulta de uma perda de um objeto exterior com cuja perda nos identificamos, mas da perda de um objeto interior ao próprio Eu, a saber, o Si mesmo que o sustenta e o permite ou lhe dá ser. A lida com essa perda é completamente inconsciente porquanto não diz respeito ao Eu em sua relação imediata com o mundo exterior, este, em grande parte intelectual ou intelectualizado nos dias de hoje, mas concerne sobretudo ao Si mesmo em sua relação com o mundo interior, fundamentalmente afetivo e emocional, por isso arredo ao Eu ou de difícil acesso por este. Essa melancolia se mostra, pois, como existencial e, neste sentido, enquanto uma psiconeurose antinarcísica, isto é, não uma psiconeurose de transferência e nem mesmo uma psiconeurose narcísica tais como descritas por Freud (1915b/2010 e 1924/2011). Enquanto psiconeurose narcísica, a melancolia consiste numa perturbação ou numa afecção que, segundo Freud (1924/2011, p. 181), teria por base um “conflito entre Eu e Supereu” no qual este paralisa aquele mediante o desligamento de seus circuitos pulsionais; porém, como psiconeurose antinarcísica, portanto como melancolia existencial, esta consiste no fato de que o Eu – enquanto sujeito – se percebe expelido do objeto (aqui a natureza) com o qual ele era um Uno-*Todo* antes de seu vir-a-ser sujeito ou de seu nascimento como tal; ele se sente, pois, esvaziado de si e, desse modo, destituído do Si mesmo que então deveria representar; em suma, identifica-se com o Si mesmo esvaziado ou destituído de si, enfim percebido como uma existência sem ser, a qual se mostra irrepresentável para o Eu. Esse o contexto em que desaparece o Si mesmo enquanto espaço psíquico interior e que pode

ser descrito como o contexto da própria liquidação deste; a qual, não obstante, produz no Si mesmo um movimento de maior ou igual magnitude que o impulsiona na direção contrária, a saber, a de iniciar algo novo, por exemplo, a de criar ou produzir uma nova existência ou um novo Si mesmo, um novo espaço psíquico interior. Situação em que a depressão ou a melancolia existencial ganha a forma de *alto desempenho*, na qual o depressivo ou melancólico, não obstante sua condição, cria ou produz ativamente obras de alto valor afetivo ou monetário e não cessa de fazê-lo até que a morte – por esgotamento físico – finalmente o surpreenda<sup>8</sup>. Poder-se-iam fornecer aqui diversos exemplos, como os de Proust e Beethoven entre outros, mas, devido ao escopo do presente trabalho, isso ficará para outro momento.

A melancolia ou a depressão existencial é apenas uma das muitas psiconeuroses antinarcísicas, mediante as quais o sujeito se depara com a fratura do Si mesmo – que é ele próprio – e a percebe sob a forma daquela afecção. Dentre estas psiconeuroses destacam-se as psiconeuroses de angústia ou de ansiedade, as psiconeuroses depressivas ou psicastênicas, as psiconeuroses obsessivas e as histérico-dissociativas ou infantis – entendidas, a partir da *Teoria da Desintegração Positiva* (TDP) de Dabrowski (1972), em contraste com as psiconeuroses de transferência e as psiconeuroses narcísicas, como psiconeuroses de nível mais elevado ou mais complexo<sup>9</sup>. À diferença das psiconeuroses de transferências e das narcísicas, de mais baixo ou primitivas, o que está em jogo nas psiconeuroses antinarcísicas não é senão a relação do sujeito consigo mesmo segundo uma estrutura monádica ou unipessoal; em rigor, a relação do sujeito que ele era e que se percebe em processo de desintegração e do sujeito que ele ainda não é e que só pode ser se assumir por completo o processo de desintegração em curso, percebido primeiramente como negativo, mas também, em um segundo momento, como positivo ou com, pelo menos, contendo um potencial positivo. De um lado, o sujeito

---

<sup>8</sup> Pode se dizer que a pulsão primária ou de ser está para a pulsão de vida e a pulsão de morte assim como o recém-descoberto “terceiro estado” está para a vida e a morte no âmbito da investigação biológica, não sendo nem uma nem outra, mas de certo modo tornando possível a manutenção da existência mesmo depois da destruição da forma de vida ou de ser que a “com-formava” como tal ou lhe doava ser. Sobre o “terceiro estado”, veja-se (Noble *et al.*, 2024).

<sup>9</sup> Conforme as observações clínicas do autor, para além destas indicações, de modo a precisá-las, podem-se enumerar, mais rigorosamente, as psiconeuroses antinarcísicas como sendo: Autismo, Colapsismo, Hybrismo, Sobreregulação, Alta Sensibilidade, Desatenção, Hiperção e Odissismo. Infelizmente, pelo momento, só é possível, aqui, proceder a esta enumeração. Um estudo de cada uma dessas psiconeuroses ficará para um outro momento. Sobre o Autismo, porém, já se aceita hoje em dia que ele seja uma estrutura distinta da psicose, caso em que, para nós, ele seria uma estrutura antinarcísica; portanto, uma psiconeurose igualmente antinarcísica. Colapsismo, Hybrismo e Sobreregulação são aqui propostos a partir dos tipos de caráter de superdotados descritos por Mary-Elaine Jacobsen (1999), a saber: colapsado, sobreregulado e exagerado; tipificação que também serve de modelo para a Alta Sensibilidade, a Desatenção e a Hiperção. O Odissismo é proposto conforme o modelo da chamada *Síndrome de Ulysses*, “a síndrome do imigrante com estresse crônico e múltiplo” (Achotegui, 2020), como uma psiconeurose característica de superdotados emigrados ou imigrantes (ou descendentes), que experimentam perda de si mesmos e de sua pátria, com um forte sentimento de solidão e de *ser ninguém*, permanecendo, pois, à deriva, quando, à perda de esperança em seu torrão natal, se acrescenta a decepção com a terra “conquistada”.

em cada caso em questão entra em um processo de ansiedade, depressão, obsessão, dissociação etc. em função das experiências de desintegração negativa das estruturas psíquicas e de personalidade de nível primário; o que geralmente ocorre ao nível das psiconeuroses de transferências ou ao das psiconeuroses narcísicas combinadas com as antinarcísicas, que apontam para as estruturas psíquicas e de personalidade de nível mais elevado ou mais complexo. De outro lado, por se ater exclusivamente ao presente, aquele mesmo sujeito permanece em tal processo e nele se estagna ou se destrói quando se volta para as estruturas que se esvaem, nelas se fixando, ou quando se paralisa em relação às estruturas que ainda se lhe mostram unicamente como possíveis, delas fugindo; assim, mesmo já ao nível das estruturas mais elevadas, sua psicose termina por ser identificada àquelas próprias das estruturas primárias e é assim interpretada e tratada. O que pode levar o sujeito à cronicidade de sua condição ou mesmo à morte.

Porque se forja mediante as psiconeuroses antinarcísicas, o Inconsciente poético se mostra como resultado da formação do conteúdo jorrado para fora ou expelido quando da ocorrência da fratura originária do Si mesmo. De início, tal conteúdo assume a forma ambígua da pulsão primária ela mesma enquanto pulsão de ser ou como a pulsão da existência sem ser na medida em que esta é defletida, contida ou impedida em sua forma ativa, ao mesmo tempo em que reage a essa deflexão, contenção e impedimento. À diferença das pulsões sexuais, a pulsão primária não é recalcada nem reprimida, mas inibida ou liberada; da mesma forma, à diferença das pulsões de vida e de morte, ela não liga nem desliga pulsões, assim como não é ligada a e nem desligada de qualquer outra – ao contrário, permanece ativa – em estado de transcendência – até o instante em que a morte surpreende o indivíduo. Contudo, porque a pulsão primária pode ser defletida, contida ou impedida em sua *forma ativa*, real, ela se antecipa a essas defesas do Eu e, em sua *forma reativa*, imaginária, reage a elas mediante a inibição, a sublimação e a transcendência; situação em que, ao nível do Si mesmo, se mostra inibida, sublimada ou transcendida por si mesma – quando, sobretudo no caso de sujeitos neurodivergentes em tratamento clínico, suas criações ou produções podem tomar a forma do *Acting out* (agir fora) ou do atuar (subir no palco), do *enactment* (encenação) e da passagem ao ato ou do sair de cena. Com isso, em resposta à deflexão, contenção e impedimento, cada uma daquelas formas assume em si e para si, de modo respectivo, a realização da inibição, da sublimação e da transcendência.

Inibição, sublimação e transcendência mostram-se como os três destinos possíveis da pulsão primária; os quais, em cada caso, podem apresentar-se como mecanismo de defesa ou como mecanismo de libertação. Este, o mecanismo de sua autodeterminação do Si mesmo como tal; aquele,

o da constituição do Eu – para a qual não só limita o Si mesmo, inibindo-o, mas antes retira-lhe o ser próprio, então substituído por envoltórios cujo protótipo não é senão o Eu ele mesmo. Enquanto mecanismos de defesa, tais destinos agem ao nível do Eu, mais precisamente, em defesa daquilo que Dabrowski (1964/2016 e 1972) designou níveis mais baixos das estruturas de personalidade do sujeito; enquanto mecanismos de libertação, porém, conformam-se nos níveis mais altos ou elevados. Donde a emergência de um ou outro de dois resultados possíveis, de duas possibilidades de ser, a saber: o malogro ou o bom-logro da existência; este resultante da sublimação ou da transcendência enquanto mecanismos de libertação, aquele resultante da inibição e da sublimação enquanto mecanismos de defesa. De um lado, a pulsão primária ela mesma se esvai enquanto pulsão da existência sem ser, quando o ser próprio resulta em uma existência malograda; de outro, é precisamente a pulsão primária que se realiza e se faz assim pulsão de ser, de realização ou do destino, quando, por sua vez, o ser próprio destina-se uma existência bem-lograda. Em ambos os casos estão em jogo produções ou criações do Inconsciente poético, que não cessa de produzir ou de criar, ainda que suas produções ou criações permaneçam cegas ou sem fim.

#### **4. Os mecanismos de formação do Inconsciente poético**

Como pulsão de ser, a pulsão primária implica o impulso de cada indivíduo em seu processo de realização como tal; situação em que também é denominada pulsão do destino (Da Silva, 2024). Se em tais processos a pulsão se realiza como tal, diz-se que a existência do sujeito pulsional em questão é ou foi bem lograda; do contrário, é necessário considerá-la malograda. Neste sentido, os critérios para a determinação do bom logro ou do malogro da existência em tela têm que ser dados pelo ou encontrados no próprio sujeito do bom logro ou do malogro que – em cada caso – assume seu ser próprio ou decide permanecer em seu ser impróprio. Assumir seu ser próprio ou permanecer em seu ser impróprio não são, porém, decisões que ocorrem em um âmbito propriamente consciente; o que impõe um problema adicional na investigação do Inconsciente poético – a saber: se para ele vale a mesma divisão que Freud fornecera para o aparelho psíquico no qual se instaura o Inconsciente reprimido ou se está em questão algo análogo às tópicas do narcisismo. Uma diferença importante deve aqui ser considerada: enquanto o Inconsciente reprimido se caracteriza por um único limite, entre o interior e o exterior, o íntimo e o êxtimo, quando o Inconsciente e o Consciente serão tematizados tão somente à luz daquele limite e, assim, confundidos com o interior e o exterior, os inconscientes cindido (em Green e Zukerfeld e Zukerfeld), amencial e encravado (em Dejours e Laplanche) se mostrarão a partir de um duplo limite, a saber, além do limite entre o interior e o



exterior (o Eu e o mundo), o limite que separa o próprio interior em um inconsciente um consciente (a este ligado um pré-consciente). De modo mais rigoroso, o segundo limite separa o Ego ideal e o Ideal do Ego, que então se colocam em oposição na medida em que, respectivamente, o Ego ideal representa uma instância narcisista ou antinarcisista (destituída de pré-consciente) e o Ideal do Ego uma instância edípica (por conseguinte constituída de pré-consciente). Pois bem, à diferença desses modelos – de um lado o freudiano-laciano, de outro o green-dejours-laplanch-zukerfeldiano –, o Inconsciente poético implica um terceiro limite no aparelho psíquico (Da Silva, 2023), o qual, no entanto, no interior do próprio Inconsciente, aqui identificado com o Isso, se estabelece entre o Ideal do Ego e o Super-Ego; esses, por sua vez, até então identificados como um e o mesmo. Essa a separação fundamental que distingue o Inconsciente poético enquanto antinarcísico e o Inconsciente cindido – aqui identificado ao amencial ou encravado –, enquanto narcísico (narcisista ou antinarcisista).

O terceiro limite do aparelho psíquico, do qual emerge o Inconsciente poético, está fundado no Real; portanto no psicossoma, entendido em sua tríplice determinação como psicossoma vivente, erógeno e estrutural. Donde quatro níveis de plasticidade que o conformam como tal – a plasticidade neural, a neuronal, a libidinal e a estrutural – e três destinos da pulsão primária que determinam em que medida o terceiro limite opera e o Inconsciente poético emerge. Tais destinos se mostram como a inibição, a sublimação e a transcendência, dos quais, até aqui, somente o segundo – a sublimação – tem sido reconhecido a um tempo como mecanismo de defesa e como mecanismo de liberação; destino cujo estatuto é, porém, deveras problemático no âmbito das pulsões estabelecidas por Freud. De um modo ou de outro, cada um dos destinos ora aludidos cumpre uma função essencial no âmbito da destinação da pulsão de ser e, mesmo que fosse só por esse motivo, já têm assegurada a sua cidadania no território então conquistado e doravante designado Inconsciente poético. Considerem-se então cada um desses destinos.

#### **4.1 O primeiro destino, a inibição**

O primeiro destino, que opera no nível mais básico – o do psicossoma vivente e da plasticidade neural e neuronal – é a inibição. Anterior à repressão e ao recalque, assim como às defesas da rejeição e da recusa entre outras, a inibição se constitui como uma resposta – uma restrição do funcionamento normal do psicossoma, sobretudo em sujeitos neurodivergentes em cada caso em questão – a acontecimentos no presente em razão de um acontecimento pré-histórico (anterior ao seu nascimento e que o determinara como tal em seu vir-a-ser aí) e por ele interpretado, ainda que de modo

inconsciente, como enjeitamento (Da Silva, 2023). Esse o caso do Antinarciso, cujo exemplo mais adequado nos parece o de Tournier, que se fizera representar pelo personagem Robinson Crusóé – em *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico*, publicado em 1967 – e, quase cinquenta anos depois, se reconheceu a si próprio (Tournier, 2011, p. 17) como tal.

Esse o “Narciso de um tipo novo, arrasado pela tristeza, com recrudescido nojo de si” (Tournier, 1967/2014, p. 82), sentimento originado do fato de que ele – o Antinarciso – se percebe como uma degradação do objeto, do qual então é eliminado, evacuado como um resíduo, quando, enfim, se apresenta como um eu volante, sem ser ou si mesmo ou esvaziado de si mesmo. Pode-se falar aqui de um enjeitamento do sujeito pelo objeto que o evacua e que, assim, o faz *ex-sistir* (*estar fora, sistere ex*) (Tournier, 1967/2014, p. 115) como um resíduo de si. Eis aí um dos mais belos e dos mais tristes relatos do trauma do nascimento – mas não meramente do indivíduo e sim do sujeito – feito por um personagem fictício que, a um tempo, é o porta-voz do próprio autor; o que, portanto, faz do relato um relato do autor ele mesmo, tal como este autor mesmo o reconhece na medida em que coloca para si mesmo as questões que para ele se apresentam como fundamentais em sua ex-sistência. No caso de Tournier (1967/2014, p. 115), isso implica afirmar que somente “o que está no exterior existe” e que “o que está no interior não existe”; caso em que, por exemplo, “as minhas ideias, imagens, sonhos não existem”. Em suma, conclui Tournier (1967/2014, p. 115), “se Speranza não é mais do que uma sensação ou um feixe de sensações, não existe. E eu próprio só existo quando me evado de mim para outrem”. (Da Silva, 2023, p. 92)

Trata-se aqui de uma inibição da existência ela mesma ou, antes, do ser próprio; por conseguinte, do que mais acima se indicou como a pulsão de ser ou como a pulsão da existência sem ser – logo, como uma defesa em relação a esta. Caso em que se impõe uma necessária correção a Freud na medida em que, em sua distinção de inibição e sintoma, ele se mostra extremamente ambíguo. Leiamos Freud (1926/2014, p. 14):

Ao descrever fenômenos patológicos, a linguagem corrente diferencia entre sintomas e inibições, mas não dá grande valor a essa distinção. Se não encontrássemos casos de doença que apresentam inibições, mas não sintomas, e se não quiséssemos saber a razão para isso, dificilmente nos preocuparíamos em delimitar os conceitos de inibição e sintoma. Eles não se originam do mesmo solo. A inibição tem uma relação especial com a função e não significa necessariamente algo patológico, pode-se também chamar de inibição a restrição normal de uma função. Já o sintoma indica a existência de um processo patológico. Portanto, também uma inibição pode ser um sintoma. A linguagem corrente fala de inibição quando há uma simples diminuição da função, e de sintoma quando se verifica uma inusitada alteração dela ou uma nova manifestação. Muitas vezes pode parecer ser algo arbitrário se enfatizamos o lado negativo ou o lado positivo do processo patológico, se caracterizamos seu resultado como sintoma ou como inibição. Mas isso é realmente desprovido de interesse, e nossa colocação inicial do problema não se revela bastante fecunda.

Entre acertos e desacertos, cabe a Freud o reconhecimento de que o modo como ele colocara o problema não se revelou fecundo; isso porque lhe faltara dois elementos essenciais, a saber, a

descoberta do que hoje concebemos como pulsão primária e a da inibição como uma defesa contra essa pulsão entendida como a pulsão de ser. De fato, a inibição e o sintoma se distinguem pelo fato de que, enquanto a inibição é uma defesa, o sintoma resulta de uma defesa; essa, por isso só (por exemplo a repressão, a rejeição ou a recusa) não se constitui como algo patológico, mas, quando de sua repetição e, portanto, de seu recrudescimento, seus sintomas – que dela se distinguem – se fazem logo aparecer. Neste sentido, a distinção de Freud não só se mostra aqui fundamental, mas, antes disso, se constitui como fundamento da proposição da inibição como um mecanismo de defesa e, portanto, algo do qual emergem certos sintomas, não sendo ele mesmo um sintoma. Em linhas gerais a inibição se apresenta como uma tríplice fuga (do destino, da intimidade e da extimidade) e, em razão disso, em geral, como autossabotagem, pode se confundir com a compulsão à repetição no âmbito da autorrealização do indivíduo, isto é, de seu destino, no concernente àquilo que a ele está destinado no quadro existencial de seu esforço a ser. Essa defesa pode ser verificada principalmente em sujeitos em permanente fuga do destino, portanto personalidade antinarcísica, logo, neurodivergentes em geral e sujeitos autistas, desatentos, hiperativos e de AH/SD em especial. Abstraindo-se do elemento sexual e, portanto, das pulsões sexuais, a inibição apresenta a mesma estrutura da deflexão como mecanismo da psicose de angústia.

O mecanismo da deflexão é caracterizado por Freud (1895/2023, p. 105) nos cinco passos seguintes. A saber: (1) decréscimo acentuado ou extinção da libido, isto é, do desejo psíquico, (2) acúmulo de excitação somática de natureza sexual (3) acompanhada por um decréscimo da participação psíquica nos processos sexuais, (4) deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica e (5) conseqüente emprego anormal dessa excitação. Comentando esse mecanismo, Kury e Pérez (1977/1988, p. 32) afirmam tratar-se nele de estímulos provenientes do orgânico, em rigor, do somático, que não chegam a carregar representações adequadas ou com *status* psíquico. Há, portanto, um limite que, como tal, impede a formação de representações, as quais, mesmo quando formadas, carecem de conteúdo representacional suficiente para se impor como representante da pulsão no psíquico, aqui distinto do psicossomático e do somático enquanto tais. Modificando a interpretação de Kury e Pérez (1977/1988, p. 32) em alguns pontos importantes, assim como a de Freud, pode-se afirmar que, ao invés de reprimido, o impulso é inibido antes de chegar à tela psíquica, sendo refratado [desviado] sobre o soma. De um lado, por não registrar o impulso em questão, a tela psíquica permanece vazia ou esvaziada de seu conteúdo porquanto registra a ausência do referido impulso e o vazio psíquico que, nela, então se instaura; de outro lado, porque refratado ou desviado para o soma, o impulso permanece “desconhecido” para a psique, que nele se reflete mas nele não se reconhece e,

portanto, não o reconhecendo como tal. Situação que dá origem a um sentimento, a uma angústia qualificada por Freud como “somática”, à qual, porém, denominamos existencial, porquanto resulta da impossibilidade de se obter uma ab-reação psíquica do estímulo, que, no entanto, permanece presente. Assim, embora seja correto afirmar, conforme Kury e Pérez (1977/1988, p. 32), que “se não se configura o representante psíquico, sua ocorrência fica excluída das eventualidades próprias do circuito pulsional”, é preciso reconhecer que tal exclusão se dá somente nos limites das pulsões sexuais, isto é, nos limites do Inconsciente reprimido. Justamente por isso, o fato de que o sintoma das psiconeuroses de angústia carece de toda possível conotação representacional as coloca em um outro âmbito, em um outro patamar, mais profundo e mais complexo que o do Inconsciente reprimido. Tal como a inibição como mecanismo de defesa e de libertação da pulsão primária, elas devem ser investigadas nos limites desta – em sua apresentação – como psiconeuroses antinarcísicas; logo, no âmbito do Inconsciente poético.

O mesmo ocorre com a sublimação, aqui assumida como o segundo destino da pulsão primária. Praticamente sem lugar no esquema freudiano das pulsões sexuais e mesmo das pulsões de vida e de morte, assumidas como centrais nas tópicas narcísicas, mas no limite de sua destruição enquanto defesa ou libertação, a sublimação se mostra um elemento constitutivo essencial na topologia antinarcísica. Passemos a ela.

#### 4.2 O segundo destino, a sublimação

No prefácio a *La sublimation*, Anzieu (1979, p. 15) reconstrói a história do termo, que designa, em sua origem, em rigor, na alquimia, o processo de purificação material, a purgação das partes heterogêneas de um corpo via aquecimento. Processo que, no âmbito da química moderna, passou a designar a purificação de um corpo sólido mediante sua transformação em vapor, então recolhido e novamente solidificado a partir do contato com uma superfície fria. Então, o corpo passa diretamente do estado sólido ao estado gasoso e, mediante um curto-circuito com o estado líquido, retorna ao estado sólido agora purificado de suas impurezas. Seu uso em psicanálise é posterior à sua metaforização no domínio da purificação moral e guarda algo desse processo, o que torna ambíguo seu primeiro uso psicanalítico, ao nível das pulsões sexuais, como que circunscrito ao moral e mesmo ao religioso. Assim, em seu *Vocabulário de Psicanálise*, ainda nos limites do esquema das pulsões sexuais, Laplanche e Pontalis (1987/2004, p. 495) definem a sublimação:

Processo postulado por Freud para explicar atividades humanas aparentemente sem relação com a sexualidade mas que encontrariam sua origem na força da pulsão sexual. Freud

descreveu como atividade de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão foi sublimada na medida em que ela é desviada para uma nova meta não sexual e visa a objetos socialmente valorizados.

Nota-se no trecho acima uma ambiguidade ou mesmo uma contradição assaz importante. Na medida em que uma pulsão se define sobretudo por sua meta, se a sublimação explica “atividades humanas aparentemente sem relação com a sexualidade, mas que encontrariam sua origem na força da pulsão sexual”, operando no desvio desta para uma nova meta não sexual e visando a objetos socialmente valorizados, isso significa que a pulsão sexual foi dessexualizada, caso em que, conforme Mendes (2011, p. 59), a sublimação é entendida no mesmo sentido do recalque. Isso impõe a seguinte questão: pode-se dizer com isso que, de fato, aquela pulsão foi sublimada?

Uma resposta possível é a de Anzieu (1979, p. 15), para quem “a pulsão sexual foi purificada de seus componentes biológicos ligados à reprodução da espécie para visar fins mais elevados de ordem estética, intelectual, religiosa, isto é, fins habitualmente qualificados de sublimes”. Ora, isso significa colocar a sublimação no mesmo plano que a repressão e o recalque, no plano que – já em 1912 – os primeiros psicanalistas, em especial Tausk e Freud, denominavam como “consciência social”, termo que, conforme Freud (*apud* Nunberg e Federn, 1975/1983, p. 83), fora introduzido por ele “com o único fim de estabelecer o momento constitucionalmente variável no tempo em que os componentes sexuais se unem aos componentes egoístas”. Situação em que uma sublimação deveria purificar o sexual do egoísta ou este daquele, mantendo cada um em sua pureza; disso se depreende que se seguirmos de perto o modelo alquímico e mesmo o químico pressuposto pelo próprio Anzieu, abstraindo-nos da metaforização moral, é lícito exigir que a pulsão sexual uma vez sublimada continue sexual e especificamente sexual; o que, de fato, não acontece. Não estaria aí em jogo uma outra pulsão, mais fundamental e de fato sublimada, mas também sublimante, portanto permanecendo com as suas características e seus elementos essenciais?

Contudo, antes de responder a essa questão e passar, assim, a uma pulsão mais fundamental que as parciais, aí inclusas as pulsões de vida e de morte, considere-se a seguinte observação de Anzieu (1979, p. 15):

Em psicanálise, a um tempo, a sublimação libera o sujeito do impulso da pulsão e das exigências da censura, permitindo-o realizar-se nos empreendimentos não repreensíveis desta. Caso em que, embora posta por Freud entre os mecanismos de defesa, a sublimação aparece igualmente como um mecanismo de liberação.

Conforme o trecho acima, a sublimação libera o sujeito do conflito pulsional e, assim, permite que ele se realize nos empreendimentos não repreensíveis pela censura. O lado positivo dessa concepção é o da realização do sujeito e não meramente a realização de empreendimentos quaisquer, mas há também aí um lado negativo; a saber, a realização nos limites do não é repreensível pela censura – o que significa que a sublimação ainda está sob o jugo de algo muito limitado para um mecanismo assumido como de liberação. Nesse ponto poderíamos afirmar, com Mendes (2011, p. 59), que “não há recalque das pulsões sexuais na sublimação, mas sim a passagem direta dessas pulsões para a produção de objetos sublimes”; porém, a questão é a de saber se essas pulsões continuam sexuais na sublimação ou não. Na referida passagem direta, a sublimação consiste no polo oposto, mas junto ao do recalque enquanto extremos das vicissitudes das pulsões, portanto ainda nos limites do reprimido, como uma forma de evitamento da realização sexual direta. No dizer de Mendes (2011, p. 58), se “no recalque, o sujeito permanece preso ao sexual, que é o ponto de referência para ele, no nível do *proibido*, na sublimação, o sujeito deixa a referência à satisfação sexual direta e lida com ela na sua dimensão de *impossível*”. Logo, não se trata mais de uma proibição e sim de uma impossibilidade, situação em que “a sublimação revela a estrutura do desejo humano como tal” (Mendes, 2011, p. 58), e aqui, para além do sexual no nível estrito das pulsões sexuais, “ao evidenciar que, para além de todo e qualquer objeto sexual, esconde-se o vazio da Coisa, do objeto enquanto radicalmente perdido”. Objeto esse que, ao nível da pulsão primária, como explicitado mais acima, é o próprio Uno-Todo do qual o sujeito fora expelido ao nascer.

Neste sentido, para além das questões referentes às pulsões sexuais e às de vida e morte, é importante considerar que na sublimação, de fato, conforme Mendes (2011, p. 59), “o sujeito está no registro do ideal do eu”, caso em que a sublimação consiste numa saída pela qual as exigências do ego podem ser atendidas sem envolver o recalque. O que, embora pareça menos ambíguo que o que se afirmou mais acima, no âmbito das pulsões sexuais, implica um conflito mais básico – o das pulsões de vida e de morte –, que ainda permanece ambíguo para a determinação da sublimação. Leiamos Mendes (2011, p. 59):

Quando há a transformação do eu ideal em ideal do eu, há possibilidade de satisfazer a pulsão através da sublimação. [...]. O ideal do eu não condiciona a sublimação, mas é necessário que o sujeito esteja nesse registro para que consiga sublimar as pulsões, que não esteja capturado pelo objeto e que tenha podido sair do narcisismo infantil, que supõe a fixação aos objetos pelos quais a pulsão se satisfaz.

Ora, a alegada transformação do Ego Ideal em Ideal do Ego é uma pressuposição não confirmada clinicamente; o que se observa é mais comumente a sua cisão – como o demonstra a tópica do narcisismo apresentada por Zukerfeld e Zukerfeld (2005/2016, p. 34 e 40). Contudo, apesar do conflito que então se abre entre o Ego Ideal e o Ideal do Ego – então constituídos como instâncias independentes uma da outra – a possibilidade de satisfação da pulsão através da sublimação permanece aberta na medida em que, conforme observado por Mendes, no trecho acima, o Ideal do Ego não condiciona a sublimação. O problema aqui é que, como o Ideal do Ego não condiciona a sublimação, o Ego Ideal a destrói porquanto – em sua luta contra o Ideal do Ego – quer se manter permanentemente sob o abraço do seio materno; uma destruição que, assim, se impõe como princípio de toda adicção. Algo de certo modo reconhecido por Mendes na medida em que, para ela, a satisfação da pulsão através da sublimação exige que o sujeito esteja sob o registro do Ideal do Ego, portanto, “que não esteja capturado pelo objeto e que tenha podido sair do narcisismo infantil, que supõe a fixação aos objetos pelos quais a pulsão se satisfaz” (Mendes, 2011, p. 59). Uma exigência enfim que só pode ser satisfeita por pessoas sadias, isto é, pulsional e emocionalmente maduras; as quais, em sua grande maioria, são extremamente difíceis de encontrar. Isso, mesmo entre aquelas denominadas por outrem ou que se autodenominam Antinarciso, o sujeito da pulsão primária em geral e do Inconsciente poético em especial.

Do ponto de vista da pulsão primária em geral e do Inconsciente poético em especial, a sublimação está vinculada à plasticidade libidinal e ao psicossoma erógeno, caso em que perpassa todas as pulsões. Ao nível do Inconsciente poético, mas agindo nos limites da plasticidade libidinal e do psicossoma erógeno, a sublimação consiste em certa mudança de direção da pulsão de ser sem passar pelos seus desdobramentos, isto é, pela experiência emocional propriamente dita que nela está em jogo. Neste sentido, a pulsão de ser é realizada como tal sem nenhuma modificação; entretanto, ao não passar pelos desdobramentos ontológicos ou emocionais da pulsão de ser, a realização possível a que a sublimação é capaz de chegar não significa uma realização plena e total do sujeito. Para isso, de modo consonante ou dissonante, mas simultaneamente com a sublimação, entra em cena um outro destino da pulsão primária, a transcendência, mais precisamente a autotranscendência do ser-aí; situação em que a sublimação pode se apresentar como um mecanismo de defesa ou como um mecanismo de libertação. Enfim, se em consonância, concorre para um destino de libertação e, portanto, para a transcendência; ao contrário, se em dissonância, concorre para um destino de servidão, logo para uma defesa ou, em outros termos, para a fixação de um envoltório.

Na sublimação, a pulsão primária se realiza de um modo ou de outro. Nela, porém, não emerge para o sujeito o problema do ser próprio e do ser impróprio; mas em verdade, como defesa, ela sempre recai nos limites do ser impróprio ou da existência malograda; como libertação, permanece sempre aberta a possibilidade de se alcançar o ser próprio. Em todo caso, a sublimação interrompe o processo da compulsão à repetição nos limites da inibição e, então, se põe como um anteparo à autossabotagem existencial – assim chamada para que, nos limites do Inconsciente poético, se possa distingui-la da autossabotagem pura e simplesmente neurótica ou narcísica, nos limites do Inconsciente reprimido e do encravado. Embora estreitamente ligada à inibição, caso em que também vale para ela uma ambiguidade análoga à ambiguidade da inibição e do sintoma, a sublimação consiste na liberação do sujeito precisamente em relação àquilo que o inibe; quando, tal como a inibição, a sublimação se coloca como anterior, por exemplo, em relação à repressão.

### 4.3 O terceiro destino, a transcendência

Tanto mais incompreendida quanto a inibição e a sublimação, a transcendência se forja como um destino da pulsão primária de modo assaz precário. Não obstante, é ela que está presente em muitas das formulações psicanalíticas clássicas em torno da formação de instâncias psíquicas como o Super-Ego e o Ideal do Ego, estas cujo conflito instaura o Inconsciente poético, mas também na proposição de Dabrowski (1964/2016) de uma personalidade ideal. É a transcendência que está na base das formulações de Freud sobre tais instâncias, assim como no processo real de constituição dessas instâncias elas mesmas e, da mesma forma, nas formulações de Anzieu em torno do modelo psicanalítico da sublimação enquanto oriundo da purificação moral, bem como nos processos que, como tais, se impuseram tal movimento ou, enfim, de formulações as mais variadas em torno da sublimação religiosa, da idealização artística e da especulação filosófica – como aquelas levadas a termo por William James e Otto Rank entre outros. Isso, porém, ou se limita a uma pressuposição inconsciente da transcendência ou a uma atividade da própria transcendência, que, como defesa ou libertação da pulsão primária, age na camada a mais profunda do Inconsciente – aqui, do Inconsciente poético –, aquela mais próxima e referente à saída mesma do absoluto, em rigor, ao lugar da fratura originária do Si mesmo, de modo a fugir da dor que com ela se instaura ou buscar freneticamente sua religância. Pelo momento, porém, tão só uma indicação dos traços mais gerais da transcendência a partir de três exemplos cruciais se mostra aqui possível. A saber:

(1) *A construção de envoltórios em torno da fratura originária da identidade pessoal ou íntima do sujeito consigo mesmo* nos diversos níveis da experiência humana da saída do absoluto que



ele era antes de nascer – envoltórios que podem ser determinados nos níveis político, religioso, amoroso e psicológico entre outros, em especial o psicanalítico, pelo menos no que diz respeito à segunda tópica freudiana se aqui se atentar ao discurso de J.-A. Miller, caso em que, também, em rigor, deve-se incluir a topologia lacaniana. Isso, porém, à diferença da fixação dos envoltórios já construídos, como é o caso da sublimação enquanto mecanismo de defesa.

(2) *A busca do absoluto* em Michel Tournier, um antinarciso confesso e, conforme já indicado na segunda seção deste trabalho, um dos primeiros a assumir uma versão minimamente rigorosa da pulsão primária (Tournier, 1977, p. 27) tal como desenvolvida nos últimos anos pelo autor destas linhas. Exemplos análogos ao de Tournier constituem-se como os de Plotino e de Heidegger entre outros, aos quais se pode atribuir o diagnóstico de Antinarciso, algo já ensaiado pelo autor destas linhas para o caso de Plotino – a partir do comentário de Hadot (1976) sobre a interpretação plotiniana de Narciso – quando da proposição de uma introdução do Antinarciso e da pulsão primária na clínica psicanalítica (Silva, 2024). Algo também ensaiado para o caso de Heidegger, no âmbito de uma investigação em progresso, a partir das similaridades entre a escolha de vida deste e a de Tournier. Este vide sua escolha de viver seus últimos 50 anos em um presbitério cuja janela se abre para um jardim, limítrofe de outro – o jardim de um cemitério contíguo, voltado ao eterno. Aquele vide a escolha similar de viver em uma cabana nos alpes, imerso no ser-aí da *Physis*, sendo um com ela.

(3) *A tendência à espiritualização e à espiritualidade* pronunciadas em sujeitos neurodivergentes em geral e sujeitos de AH/SD em especial. Uma tendência muitas vezes rebaixada à pura e simples militância religiosa, inclusive com a partidarização de instituições as mais diversas: fenômeno que, no momento exato em que estas linhas são escritas, se mostra bastante ativo nas redes sociais envolvendo uma gama apreciável desses sujeitos, muitos deles capitaneados por profissionais de psiquiatria e psicologia que assumem para si causas desse tipo e se autodenominam espiritualistas. Em sentido rigoroso, a *tendência à espiritualização e à espiritualidade* aqui aludida identifica-se com o que Yaden *et al.* (2017) denominam *experiências autotranscendentes, self-transcendent experiences* (STEs). Estas que não são necessariamente de ordem espiritual ou religiosa no sentido tradicional desses termos.

Antes de passar, porém, à exemplificação dos traços acima aludidos, faz-se mister fornecer uma definição mínima de transcendência. Em seu sentido mais geral e, portanto, mais primitivo e originário, o termo transcendência, provém do latim *transcēndo*, também com as terminações *is, di, sum, ěre*, e significa precisamente “passar subindo, atravessar, ultrapassar, transpor” – em sentido mais geral, o termo significa ascender ou ir além. Neste sentido, transcendência diz respeito a algo

como a travessia, por exemplo, passar de um lugar a outro em um movimento de subida, de transposição, por conseguinte, da emergência de algo que ultrapasse o plano ou o lugar de sua existência anterior; caso em que se pode falar de emergência da consciência ou de emergência do Inconsciente, mas também de travessia da fantasia ou da angústia. Esses os sentidos ou as notas do que, neste trabalho, se apresenta como o conceito psicanalítico de transcendência, em sua tríplice determinação, como mecanismo de defesa, de libertação e de destinação. Situação em que o conceito de transcendência aqui proposto se apropria das noções lacanianas, ou antes millerianas, de travessia da fantasia e de travessia da angústia, assim como o conceito heideggeriano de transcendência do ser-aí, ou ainda, o conceito sartriano de transcendência do ego, modificando-os naquilo que importa para o caso da pulsão primária e do Inconsciente poético. Neste caso, o mais apropriado seria falar de uma *travessia da fratura originária*, ou, em outros termos, *da desintegração do Si mesmo*; isso, vide a transformação dessa desintegração, de negativa em positiva.

Isso porque, em linhas gerais a transcendência consiste na resolução positiva dos conflitos psiconeuróticos antinarcísicos ou, o que é o mesmo, daqueles que Dabrowski (1970) designou hierárquicos ou multiníveis, isto é, que ocorrem entre os níveis “mais básicos” (“*lower*”) ou primários e os “mais elevados” (“*higher*”) ou mais complexos da estrutura psíquica ou da personalidade, passíveis de resolução via o que Dabrowski (1964/2016) designara *desintegração positiva*. Na medida em que tais conflitos são propriamente os geradores da assim chamada desintegração, que pode ser negativa ou positiva, sua resolução negativa implica o retorno do sujeito à estrutura anterior, arcaica, e, portanto, “mais básica”, não há travessia da desintegração do Si mesmo em questão e, portanto, nenhum desenvolvimento de sua estrutura psíquica ou de personalidade, mas apenas uma fixação de sua regressão. Porém, se a resolução é positiva, um novo nível estrutural de desenvolvimento psíquico e de personalidade é alcançado; caso em que, pode-se afirmar, também se resolve o conflito entre o Super-Ego e o Ideal do Ego. Dito isso, passemos à explicitação dos traços mais gerais da transcendência acima indicados.

*A construção de envoltórios em torno da fratura originária da identidade pessoal ou íntima do sujeito consigo mesmo* como um primeiro traço da transcendência se mostra, em verdade, como uma defesa em relação à fratura originária, como uma defesa em relação ao abismo do qual viemos e para o qual voltaremos, abismo que, em alemão, como *Abgrund*, é o fundamento e a razão (*Grund*) de nosso ser. Ao negar isso de onde viemos, estabelecemos envoltórios, ataduras, em torno da fratura que nos constitui e nos faz ser quem somos – caso em que a angústia e a fantasia, assim como o delírio e a alucinação, se mostram igualmente como defesas ao lado dessa transcendência inicial de nossa

caverna existencial. Exemplos de envoltórios no campo psicanalítico são aqueles já indicados por Miller (1985/2020, pp. 28-30) em seu *Extimidad* – em rigor, não apenas o Ego, mas também o Isso e o Super-Ego, como também aqueles de origem lacaniana, em rigor, não reconhecidos por Miller, o *Je* [Eu] como sujeito do Inconsciente reprimido e a própria extimidade da qual, para Miller, o *Je* é o lugar. Trata-se, enfim, na transcendência como defesa e, portanto, como envoltório, de transcender a fratura originária de modo a lhe apor um dique, um limite, como que, para assim, controlar ou estancar a sua vazão.

Um exemplo clínico interessante da transcendência como defesa em psicanálise é o caso de Fernando Pessoa, o famoso poeta português que se autodesterrara e que, segundo sua vida e sua obra, no registro de Leyla Perrone-Moisés (1982/2001), era “aquém do eu, além do outro”. Esse o título da obra de Perrone-Moisés que, de certo modo, apreende o elemento central da personalidade de Fernando Pessoa no sentido do que, neste trabalho, se compreende como o Antinarciso e como o sujeito neurodivergente em geral e o sujeito de AH/SD em especial. Mais do que isso, pode-se dizer que o exemplo de Pessoa se enquadra perfeitamente no âmbito do que poderíamos chamar de a primeira figura da transcendência porquanto o que está em jogo nesse poeta é essencialmente a questão da identidade e do seu sentir ninguém ou, em outras palavras, um In-significante. O que leva o poeta a uma saída propriamente antinarcísica, bastante próxima das de Michel Tournier e Maurice Blanchot pouco depois dele, algo patente na quadra “o poeta é um fingidor” e na afirmação do poeta sobre sua incerteza quanto à existência do eu. Eis aí uma situação que implica a temática mesma da máscara – aqui no sentido em que, para Michel Tournier, o Antinarciso se põe no mundo, em rigor, o sujeito neurodivergente em geral e o sujeito de AH/SD em especial. Leiamos uma página luminosa de Leyla Perrone-Moisés (1982/2001, p. 25):

“O poeta é um fingidor. / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente” (OP, p. 164).

Teatro mental, grande palco da escritura, poeta-mimo, sim, tudo isso. *Persona*.

A máscara era fácil de usar, no tempo em que havia, por detrás dela, um rosto. No tempo dos bastidores e das saídas de emergência. A máscara podia ser então deposta. E o problema da sinceridade, poética ou outra, podia ser posto. Mas, no momento em que toda verdade se coloca em questão, como colocar a questão da mentira? Sinceramente, isso não é mais possível: “Quando falo com sinceridade, não sei com que sinceridade falo. Sou variadamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros).” (PIAI, p. 93)

Citamos o trecho acima conforme aparece, com o comentário de Perrone-Moisés entremeando as duas citações de Pessoa porque, em sua estrutura, os três textos se fazem um. O fingimento do poeta é a máscara da qual ele se utiliza para poder se mostrar e viver no mundo como se não existisse;

trata-se, pois, de um envoltório, de uma cobertura que cobre precisamente o vazio ou a ausência de ser da existência. A marca da cisão do Si mesmo aparece pronunciada na afirmação segundo a qual “sou variadamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros)”; o Si mesmo aí se faz outro de si que, de seu lado, não é impossível ao eu atestar a existência – o que torna a existência desse eu ela mesma vazia de Si. Donde, tão somente a possibilidade de um “fingir-ser” e de um “fingir-dor” que nada mais é senão a máscara pela qual Pessoa suporta sua existência sem-ser. Seria interessante comparar mais profundamente a vida e a obra de Pessoa com os desenvolvimentos já aqui realizados em torno da pesquisa sobre o Antinarciso e, especialmente, com a vida e a obra de Michel Tournier – o primeiro Antinarciso confesso.

Um movimento diverso ao da construção de envoltórios é o da *busca do absoluto*, que, diverso do simples envelopamento de nosso ser-aí – cindido em sua origem e então, cada vez mais e mais, identificado com entes como eu, alma, mundo, Deus etc. –, nada mais é senão a busca de si do Si mesmo de seu ser-junto-de-si. Algo presente nos mais diferentes filósofos e escritores, pelo menos de Plotino a Heidegger e Michel Tournier, sendo o primeiro inclusive identificado *a posteriori* como um antinarciso e o segundo se fazendo objeto de uma pesquisa em curso pelo autor destas linhas. Quanto ao terceiro, ele mesmo se diagnosticara como um antinarciso; assim escreve Tournier (2011, p. 17) em seu *Je m'avance masqué* [*Eu avanço mascarado*]:

Palavras amargas sobre minha imagem, ou o Antinarciso. Meu Deus, por que é preciso ter um rosto, um corpo, uma silhueta? Eu sonho ser o homem invisível, capaz de se escorregar por todos os lugares, de tudo sofrer, de tudo entender, de tudo anotar passando ele mesmo despercebido.

Tal como Fernando Pessoa, Michel Tournier vive uma existência sem ser; uma existência que, como tal, para ser vivida, tem que ser mascarada. Porém, à diferença do poeta português, o escritor francês identifica sua condição existencial – trata-se de um antinarciso, aquele que, para ser reconhecido, tem que ser ou permanecer fora do ser ou de si mesmo, caso em que passa por invisível ou despercebido porquanto evade-se de si para o outro. Essa evasão de si para o outro, tematizada ainda em 1967, em *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico*, nos indica uma outra faceta do Antinarciso e, portanto, da pulsão primária da qual ele é o sujeito, a busca do absoluto enquanto precisamente esse outro. Assim escreve Tournier (1977, pp. 297-299) escreve em sua chamada pseudobiografia, *O vento paraqueto*, numa espécie de programa de sua busca do absoluto:

Agora as minhas preocupações e o meu cansaço não são menores, mas eu, na compacta massa humana que oscila de acordo com as acelerações e desacelerações do comboio, descobri um rosto arrebatador, e o meu olhar repousa sobre ele como um pássaro numa árvore de frescura. Nessa atmosfera fechada e fedorenta, encontrei esse pequeno e vivo oásis. Eu me delicio secretamente. Eu coloco a minha vida inteira nisso. No meio de todos esses indigentes, sou tão rico quanto Crespo. [...] Para encontrar o Absoluto, tudo o que temos que fazer é cortar esses laços [com os outros objetos e os outros homens que nos reduzem a nada]. Considerar cada rosto e cada árvore sem referência a outra escolha, como existindo sozinho no mundo, como indispensável e inútil, segundo a palavra que Cocteau aplicava à poesia. Um copo de água, nada me impede de beber, de me afogar completamente nele, de me absorver em sua frescura, seu sabor de rocha, a serpente fria que ele faz descer em mim, enquanto meus dedos se apertam para não escorregar em sua superfície enevoada. A maçã – seu peso na minha mão, sua pele envernizada, o crepitar de sua polpa sob meus dentes, a acidez que invade meu paladar – merece um momento de afeto total, uma eternidade atenta e sensual. Mas é sem dúvida em seus lugares privilegiados entre todos, uma ilha deserta, um jardim fechado, que o Absoluto, essa flor metafísica, se exalta melhor em suas duas formas extremas. (Tournier 1977, pp. 297-299)

Embora extensa, a citação acima se justifica na medida em que apresenta o programa de Tournier concernente ao que ele mesmo designa busca do absoluto desde o seu primeiro escrito em 1946, em *L'impersonnalisme* [*O impersonalismo*]. A referência a Cocteau também se mostra essencial porquanto, para Tournier (1977, p. 296), Cocteau, em seu próprio programa, “queria que a ideia de gênio fosse humanizada, desdramatizada, recolocada ao nível do cotidiano”. Ora, esse programa e sua retomada por Tournier liga, em sua origem, a pulsão primária e o Antinarciso ele mesmo, isto é, o sujeito desta pulsão que, como tal, é aquele cujo impulso de retornar ao absoluto o impulsiona com todas as suas forças. Com isso, o programa de Tournier se distingue radicalmente daquele de Cocteau na medida em que, para Tournier (1977, p. 298) “é preciso ir além dessa desdramatização que Cocteau desejava”, quer dizer, “ir até a atomização do absoluto” mesmo e, assim, “atender à reivindicação de cada ser, de cada coisa que clama – numa voz muitas vezes imperceptível – para ser reconhecida como absoluta”. Trata-se, pois, numa linguagem mais recente, – por exemplo, na escrita de Mary-Elaine Jacobsen (1999) – de assumir o gênio cotidiano [*Everyday genius*] de nossos dias, em suma, ao sujeito de AH/SD, de reconhecê-lo em seu caráter absoluto e, portanto, singular, livre da determinação de outrem e, assim, voltado tão somente para a fruição de sua própria riqueza de mundo. Há que, por conseguinte, possibilitar ao gênio cotidiano mais que um processo de humanização, logo de desdivinização e de desdramatização – essa concernente ao drama de sua vivência fantasmática no mundo, como um deus fora do reino divino ou sem lugar próprio. Trata-se, enfim, de conduzi-lo à sua relação consigo mesmo, abstraindo-se das relações tripessoais e bipessoais que produzem tão só conflito e dependência, em rigor, estranhamento e alienação.

Em vista do exposto até aqui, o traço da busca do absoluto na transcendência psicanalítica nada tem de transcendente no sentido de algo fora do mundo humano, nem de transcendental no sentido das determinações gerais do ser na filosofia medieval ou dos conceitos vazios da filosofia moderna em geral e da kantiana em especial. Transcendência aqui é, portanto, pura e simplesmente o movimento de retorno a si mesmo de cada um e de “deliciamento” secreto consigo mesmo em sua ilha deserta ou em seu jardim fechado, os quais, para Tournier, são as formas extremas do absoluto atomizado por ele então buscado. A primeira – entendida como a expressão geográfica do absoluto (Tournier, 1977, p. 299) – foi tematizada primeiramente na conclusão de *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico* (1967); o segundo, por sua vez, formou parte da vivência mesma de Tournier, em seu retorno ao absoluto, nos últimos 50 anos de sua vida, quando comprara um presbitério em Choissel, nos arredores de Paris, com o mínimo contato possível com outrem. O que, de certo modo, não representou senão a realização do programa anunciado em 1946, em *O Impersonalismo*, que se abre com uma defesa da experiência, em especial do Inconsciente e da incongruência daqueles que buscam conhecê-lo segundo os cânones do pensamento meramente abstrato. Depois de Andreas-Salomé e de Tausk, mas de modo independente deles, Tournier abre o caminho para uma concepção prático-poiética do Inconsciente e do modo adequado de seu conhecimento. Leiamos Tournier (1946/2023, p. 49/14):

Ora, se eu interrogo minha experiência, não encontro nela nenhum vestígio do que se chama a consciência, porque eu não posso me opor a ela para prendê-la ao que a nega. Eu nunca conheci o inconsciente ou o incognoscível e eu não acredito que eu deveria conhecê-los algum dia, porque então eles deixariam de ser inconsciente e incognoscível, isto é, de ser. Me dizem bem, para me ajudar, que a consciência não é algo que se encontra na experiência entre outras coisas que não seria ela, mas um brilho difuso que acompanha qualquer experiência, que a consciência não é algo, mas toda consciência é consciência de algo e que é nesse “de” que reside todo o problema do conhecimento. Mas esse “brilho difuso” que nunca existe sem qualquer conteúdo não se distingue deste último que é perfeitamente dado sem ela. Ora, acabamos de dizer que o inconsciente não pode aparecer sem contradição na experiência.

No texto acima Tournier discute com filósofos como Husserl, Bergson e Sartre, defendendo uma ideia de conhecimento e de inconsciente bastante distinta das ideias desses autores. O traço principal é o da radicalidade do Inconsciente e sua identidade com o incognoscível; o que se mostra, de certa maneira, como uma antecipação da concepção de Bion acerca do que este designa como a Coisa em si. Todavia, mais importante que isso, e para além da concepção de Bion, é o reconhecimento de que o conhecimento teórico do Inconsciente e do incognoscível o destruiriam, isto é, os destituiriam de seu ser inconsciente e de seu ser incognoscível. Permanece aberta a dimensão

prática, e, portanto, poética, na medida em que, para falar como Tournier (1946/2023, p. 49/14), “eu não acredito que eu deveria conhecê-los algum dia, porque então eles deixariam de ser inconsciente e incognoscível, isto é, de ser”. Trata-se aí de uma negação da crença (hoje em dia amplamente difundida e levada ao extremo) de que seria um dever levar a termo o conhecimento teórico – ou meramente ôntico – do Inconsciente e do incognoscível; mas isso não em função de quaisquer preconceitos e sim em defesa do caráter ontológico daqueles, por conseguinte, pela manutenção e pelo desenvolvimento da experiência emocional em seu sentido o mais completo em cada existência concreta aí no mundo. Eis aí o elemento que nos permite determinar mais rigorosamente a busca do absoluto, o segundo traço da transcendência, como um mecanismo de libertação; o que nos permite passar, enfim, ao terceiro traço.

Enquanto mecanismo de destinação da pulsão primária, em rigor, entendida como pulsão do ser ou da existência sem ser, a transcendência se mostra como a *tendência à espiritualização e à espiritualidade* em sujeitos neurodivergentes em geral e de AH/SD em especial. Isso não quer dizer que ela ocorre apenas nesses sujeitos, mas neles é notório o seu acontecimento apropriador; o que, porém, nem sempre resulta em uma existência bem lograda ou apropriada ao ser, mas frequentemente em uma existência malograda e, com isso, inapropriada ao ser. Enquanto mecanismo de destinação da pulsão primária, portanto, como *tendência à espiritualização e à espiritualidade*, a transcendência implica a escolha ou do mecanismo de defesa ou do mecanismo de libertação, respectivamente, da *construção de envoltórios* ou da *busca do absoluto* pela via do Inconsciente, isto é, do desejo, e do incognoscível. Porque uma tendência, esse traço da transcendência não se resolve nele mesmo, mas se dissolve necessariamente na *construção de envoltórios*, ou na redução e fixação a envoltórios já construídos; aos quais a própria *busca do absoluto* geralmente é reduzida em função de meras interpretações ônticas ou carentes de maturação emocional ou ontológica. Em vista disso, a *tendência à espiritualização e à espiritualidade* consiste no traço mais próximo do senso comum, podendo regredir à *construção e à fixação de envoltórios* ou evoluir para a *busca do absoluto* propriamente dita, isto é, no sentido acima exposto.

## 5. Considerações finais

Freud abriu caminho para a instauração do Inconsciente poético na medida em que constatou que nem todo o Inconsciente é reprimido; que este, portanto, não cobria toda a extensão do Inconsciente. Assim, a ideia de um Inconsciente não-reprimido tomou forma; não obstante, ela foi substituída pela concepção desenvolvida a partir da segunda topologia, que absorvera a ideia do

Inconsciente não-reprimido nas porções inconscientes do Ego e do Super-Ego, para além da porção destinada ao Isso e ao próprio reprimido. Autores pós-freudianos e de certo modo pós-lacanianos interpretaram o Inconsciente não-reprimido como um inconsciente incapaz de pensar ou amencial, ou ainda como um inconsciente encravado, que em linhas gerais também não pensa, dado que seus conteúdos não são traduzidos pelo pré-consciente devido justamente à ausência ou à danificação deste. Nem estas concepções do Inconsciente, nem a de Freud, enquanto reduzida ao Inconsciente reprimido, fazem jus às descobertas de Freud e à concepção dinâmica do Inconsciente. Em vista disso, é plausível, por conseguinte, que um outro inconsciente – propriamente dinâmico – deva então existir, pelo menos a título de possibilidade.

O Inconsciente poético aqui proposto cumpre todos os requisitos da investigação psicanalítica dos processos psíquicos inconscientes, da técnica terapêutica desenvolvida a partir e em conjunto com aquela investigação, assim como os requisitos da elaboração científica da psicanálise, a partir dos achados no âmbito da investigação e da técnica ora aludidas. O Inconsciente poético resulta dos conflitos entre a *construção de envoltórios* e a *busca do absoluto* no interior da *tendência à espiritualização e à espiritualidade*, como mecanismo de destinação da transcendência, que então se fixa ou como mecanismo de defesa ou como mecanismo de libertação da pulsão de ser. Além da transcendência, também o mecanismo da sublimação se apresenta a um tempo como mecanismo de defesa e como mecanismo de libertação, exigindo pois uma destinação, caso em que o indivíduo ou se assujeita a uma situação ou a outrem, e assim destrói a própria sublimação, ou se afirma como sujeito e avança para a criação de uma existência bem lograda. Contudo, o mecanismo de defesa mais básico, e o único que se limita a um mecanismo de defesa, é a inibição; a qual, porém, é anterior a todas as outras defesas e, portanto, a defesa que determina o destino da pulsão primária e de todas as outras pulsões.

Os conflitos entre a tendência à defesa e a tendência à libertação no interior da sublimação e da transcendência se mostram nos limites da inibição enquanto múltiplas tendências, caso em que a inibição entra em ação para definir a tendência orientadora do desejo de ser em questão. Neste nível primário em que tudo ainda está a ser, ainda não há envoltórios fixados ou objetos quaisquer a se buscar, nem mesmo o que ou a decisão de que sublimar; tudo depende da inibição, das tendências a serem por ela inibidas e das tendências a serem deixadas em seu fluxo – este o fluxo do alargamento do abismo da fratura originária ou o de seu relativo fechamento. Quanto mais aberta estiver essa fratura, maior será a disgnosia temporal do sujeito ainda a se constituir e mais próximo ele estará das psiconeuroses narcísicas; quanto mais fechada, menor será tal disgnosia e mais próximo o futuro



sujeito estará das psiconeuroses edípicas; quanto mais intensa ou impactante for a fratura, assim também será a disgnosia, caso em que o sujeito estará no cerne das psiconeuroses antinarcísicas. Estas últimas as psiconeuroses cuja estrutura é análoga à das outrora neuroses atuais ou traumáticas, de nível “mais baixo”; estrutura que, como tal, informa o Inconsciente poético – preponderante na topologia dos sujeitos neurodivergentes em geral e dos sujeitos de AH/SD em especial.

## Referências

- Achotegui, J. (2020). *El síndrome de Ulises: contra la deshumanización de la migración*. Barcelona: Ned Ediciones.
- Andreas-Salomé, L. (1912-1913). *Aprendiendo con Freud. Diario de un año, 1912-1913*. Barcelona: Laertes, 2001.
- Anzieu, D. (1979). Préface. In D. Anzieu. *La sublimation*. Paris: Tchou.
- Barkley, R. A. (1997). Behavioral Inhibition, Sustained Attention, and Executive Functions: Constructing a Unifying Theory of ADHD. *Psychological Bulletin*, 121(1), 65-94.
- Barkley, R. A. (2022). *Tratando TDAH em crianças e adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2024.
- Binswanger, L. (1957). Mon chemin vers Freud. In *Discours, parcours et Freud*. (pp. 241-262). Paris: Gallimard, 1970.
- Blanchot, M. (1980). *L'Écriture du désastre*. Paris: Gallimard, 2006.
- Dabrowski, K. (1964). *Positive Disintegration*. Florida: Maurice Bassett, 2016.
- Dabrowski, K. (1970). Immunization against psychosis through neurosis and psychoneurosis. In K. Dabrowski. *The Theory of Positive Disintegration (TPD)*. Disponível em: <https://www.positivedisintegration.com/>.
- Dabrowski, K. (1972). A more specific picture of the developmental way – Neuroses and Psychoneuroses, the Philosophy of Psychoneuroses. In K. Dabrowski. *The Theory of Positive Disintegration (TPD)*. Disponível em: <https://www.positivedisintegration.com/>.
- Da Silva, M. M. (2022). O Antinarciso ou o In-significante. Uma hipótese sobre a existência sem ser. In H. de F. Rodrigues, A. G. E. Alves, M. P. Freitas, W. G. Moreira, F. L. Silva e L. S. V. Schuler (Orgs.). *O inconsciente e suas letras: a Ars literária escuta as queixas da subjetividade* (pp. 406-419). João Pessoa: LIGEPSI.
- Da Silva, M. M. (2023). Sobre o terceiro limite no aparelho psíquico ou a emergência do In-significante na clínica psicanalítica atual. *Guairacá Revista de Filosofia*, 39(2), 88-104.

- Da Silva, M. M. (2024). Para introduzir o Antinarciso e a pulsão primária em psicanálise. *Guairacá Revista de Filosofia*, 40(1), 99-135.
- Dejours, Chr. (2003). *Primeiro, o corpo*. Porto Alegre/São Paulo: Dublinense, 2019.
- Freud, S. (1895). Sobre os motivos para separar da neurastenia um complexo de sintomas, a “neurose de angústia”. In S. Freud. *Obras completas Vol. 3* (pp. 81-115). São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- Freud, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. In S. Freud. *Obras Completas Vol. 4* (pp. 112-121). São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- Freud, S. (1914). Introdução ao Narcisismo. In S. Freud. *Obras completas Vol. 12* (pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1915a). Os instintos e seus destinos. In S. Freud. *Obras completas Vol. 12* (pp. 51-81). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1915b). O inconsciente. In S. Freud. *Obras completas Vol. 12* (pp. 99-150). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1916a). Os atos falhos (conclusão). In S. Freud. *Obras Completas Vol. 13* (pp. 79-108). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- Freud, S. (1916b). Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica. In S. Freud. *Obras completas Vol. 12* (pp. 253-286). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1923). O Eu e o Id. In S. Freud. *Obras Completas Vol. 16* (pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Freud, S. (1924). Neurose e Psicose. In S. Freud. *Obras Completas Vol. 16* (pp. 176-183). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Freud, S. (1926). Os atos falhos (conclusão). In S. Freud. *Obras Completas Vol. 17* (pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- Freud, S. (1933). Novas conferências introdutórias à psicanálise. In S. Freud. *Obras completas Vol 18* (pp. 123-354). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Gibello, B. (1976). Dysharmonie cognitive: dyspraxie, dysgnosie, dyschronie. Des anomalies de l'intelligence qui permettent de lutter contre l'angoisse dépressive, *Revue de Neuropsychiatrie Infantile et d'Hygiène Mentale de l'Enfance*, 24(9), 439-452.
- Gibello, B. (2013). Pathologies cognitivo intellectuelles chez l'enfant. *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 3(1), 247-262.
- Green, A. (1986). *Conferências brasileiras: metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

- Hadot, P. (1976). Le mythe de Narcisse et son interprétation par Plotin. In J. B. Pontalis (Dir.). *Narcisses*. Paris: Gallimard.
- Heidegger, M. (1927). *Ser e Tempo*. Campinas: Editora da Unicamp/Petrópolis: Vozes, 2012.
- Heidegger, M. (1954). A questão da técnica. In M. Heidegger. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- Jacobsen, M.-E. (1999). *The Gifted Adult*. New York: Random House Publishing Group.
- Kant, I. (1781-1787). *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. [Citada no texto como KrV].
- Kury, J. A. e Pérez, C. D. (1977). *Desenvolvimentos em psicopatologia psicanalítica*. Campinas: Papirus, 1988.
- Lacan, J. (1957-1958). *O seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- Laplanche, J. (2003). Três acepções da palavra “inconsciente” no âmbito da teoria da sedução generalizada. In *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006* (pp. 190-206). Porto Alegre: Dublinense, 2018.
- Laplanche, J. e Pontalis, J.-B. (1987). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- Mendes, E. R. P. (2011). PS – Pulsão e Sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites. *Reverso*, 33(62), 55-67.
- Miller, J.-A. (1985). Los envoltorios de la Extimidad. In J.-A. Miller. *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós: 2020.
- Naccache, L. (2006). *Le nouvel inconscient*. Paris: Odile Jacob.
- Noble, P. A., Pozhitkov, A., Singh, K., Woods, E. e Liu, C. (2024). Unraveling the Enigma of Organismal Death: Insights, Implications, and Unexplored Frontiers. *Physiology*, 39(5), 313–323.
- Nunberg, H. e Federn, E. (1975). *Les premiers psychanalystes. Minutes de la Société psychanalytique de Vienne*. Tome IV et dernier. Paris: Gallimard, 1983.
- Perrone-Moisés, L. (1982). *Fernando Pessoa. Aquém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Platão (2002). *O Banquete*. São Paulo: Difel.
- Ricoeur, P. (1965). *De l'interprétation. Essai sur Freud*. Paris: Éditions du Seuil.
- Simmel, E. (1944). A autoconservação e a pulsão de morte. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, 11, 2, 2021.

- Solms, M. (2013). *La coscienza dell'Es*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2018.
- Tausk, V. (1919). Da gênese do “aparelho de influenciar” no curso da esquizofrenia. In V. Tausk. *Tausk e o aparelho de influenciar na psicose* (pp. 37-78). São Paulo: Escuta, 1990.
- Terrassier, J. Ch. (1994). La Existencia Psicosocial particular de los Superdotados. *Ideación*, 18(3), 13-20, 2003.
- Tournier, M. (1946). L'Impersonnalisme. *Philosophie*, 158, 14-24, 2023. [Publicado originalmente em *Espace*, “Nouvelle série”, 1, 49-66, jun./1946].
- Tournier, M. (1967). *Sexta-Feira ou os limbos do Pacífico*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- Tournier, M. (1977). *Le vent Paraclet*. Paris: Gallimard.
- Tournier, M. (2011). *Je m'avance masque. Entretiens avec Michel Martin-Roland*. Paris: Gallimard.
- Yaden, D. B., Haidt, J., Hood Jr., R. W. e Newberg, A. B. (2017). The Varieties of Self-Transcendent Experience. *Review of General Psychology*, 21(2), 143-160.
- Zukerfeld, R. e Zukerfeld, R. Z. (2005). *Procesos terciarios: de la vulnerabilidad a la resiliencia*. Buenos Aires: Lugar, 2016.